



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO

CAMPUS AGRESTE

NÚCLEO DE DESIGN E COMUNICAÇÃO

CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

NILSON PEDRO DOS SANTOS JÚNIOR

PARADESPORTO E IMPRENSA: uma análise sobre a representação de atletas com
deficiência nas reportagens do Globo Esporte nos Jogos Paralímpicos Rio 2016 e Tóquio
2020

Caruaru

2023

NILSON PEDRO DOS SANTOS JÚNIOR

PARADESPORTO E IMPRENSA: uma análise sobre a representação de atletas com deficiência nas reportagens do Globo Esporte nos Jogos Paralímpicos Rio 2016 e Tóquio 2020

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do Curso de Comunicação Social do Campus Agreste da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, na modalidade de monografia, como requisito parcial para a obtenção do grau de bacharel em Comunicação Social.

Área de concentração: Comunicação.

Orientador (a): Fabiana Moraes da Silva

Caruaru

2023

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do programa de geração automática do SIB/UFPE

Júnior, Nilson Pedro dos Santos.

Paradesporto e imprensa: uma análise sobre a representação de atletas com deficiência nas reportagens do Globo Esporte nos Jogos Paralímpicos Rio 2016 e Tóquio 2020 / Nilson Pedro dos Santos Júnior. - Caruaru, 2023.

83 p., tab.

Orientador(a): Fabiana Moraes da Silva

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de Pernambuco, Centro Acadêmico do Agreste, Comunicação Social, 2023.

1. Comunicação. 2. Imprensa. 3. Paradesporto. 4. Paralímpiadas. 5. Pessoa com Deficiência. I. Silva, Fabiana Moraes da. (Orientação). II. Título.

070 CDD (22.ed.)

NILSON PEDRO DOS SANTOS JÚNIOR

PARADESPORTO E IMPRENSA: uma análise sobre a representação de atletas com deficiência nas reportagens do Globo Esporte nos Jogos Paralímpicos Rio 2016 e Tóquio 2020

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do Curso de Comunicação Social do Campus Agreste da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, na modalidade de monografia, como requisito parcial para a obtenção do grau de bacharel em Comunicação Social.

Aprovada em: 20/04/2023

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª. Dr^ª. Fabiana Moraes da Silva (Orientadora)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof^ª. Dr^ª. Sheila Borges de Oliveira (Examinadora Interna)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof^ª. Dr^ª. Tatiane Hilgemberg Figueiredo (Examinadora Externa)
Universidade Federal de Roraima

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus, a Ele toda honra, toda glória e toda gratidão por ter me capacitado ao longo de toda minha jornada acadêmica sob intercessão da Mãe Santíssima.

Em segundo lugar, agradeço aos meus pais por me amarem incondicionalmente e fazerem tanto por mim. Sem vocês, nada disso seria possível, nem mesmo faria sentido. E ao meu irmão, Nielson, por todo o apoio e por ser fonte de inspiração para mim.

Agradeço a todos que contribuem para a Universidade Federal de Pernambuco funcionar. Dessa forma, sou grato aos professores que tive ao longo desta jornada acadêmica, todos contribuíram para que eu chegasse até aqui, em especial a minha orientadora, Dra. Fabiana Moraes, que, além de imensa contribuição intelectual e profissional a mim, por meio de seu trabalho, me tornou um ser humano melhor. Estendo meus agradecimentos aos colegas universitários que pude dividir espaço nessa caminhada, em especial aos queridos Herbeton, Pedro e Wagner, grandes amigos que fiz. Vocês tornaram essa jornada mais divertida.

Agradeço aos legisladores e governantes do Brasil que formulam e executam políticas públicas de inclusão, como a Lei de Cotas, que propiciaram que eu, uma pessoa com deficiência, pudesse ser aprovado em uma universidade pública.

Agradeço aos legisladores e governantes do Brasil que formulam e executam políticas públicas de inclusão, como a Lei de Cotas, que propiciaram que eu, uma pessoa com deficiência, pudesse ser aprovado em uma universidade pública.

Minha gratidão também ao povo brasileiro, que paga seus impostos por meio de tanto suor e trabalho para financiar um ensino superior público de qualidade. Buscarei incessantemente retribuí-los por meio do exercício do bom jornalismo.

RESUMO

Este trabalho analisa as reportagens veiculadas no programa Globo Esporte, da TV Globo, durante as Paralimpíadas Rio 2016 e Tóquio 2020, buscando compreender como os atletas são representados nesse programa, por meio das reportagens veiculadas. O estudo analisou 35 reportagens, disponíveis na plataforma de *streaming* de vídeo Globoplay, que foram veiculadas no Globo Esporte durante os períodos dos Jogos Paralímpicos Rio 2016 (de 8 de setembro a 19 de setembro de 2016) e Tóquio 2020 (de 24 de agosto a 6 de setembro de 2021). A metodologia utilizada foi a análise de conteúdo baseada em Laurence Bardin (1977). A pesquisa avalia aspectos como os estereótipos encontrados e o volume de informação sobre as Paralimpíadas no noticiário esportivo. As principais referências teóricas deste trabalho incluem Diniz (2007) para estudos sobre conceitos de deficiência, Figueiredo (2010) para análise das relações entre imprensa, Jogos Paralímpicos e atletas, e Reis (2014) para discussões sobre políticas públicas para o paradesporto no Brasil. Observou-se que houve avanços na representação do atleta com deficiência na imprensa brasileira.

Palavras-chave: Comunicação; Imprensa; Paradesporto; Paralimpíadas; Pessoa com Deficiência.

ABSTRACT

This paper analyzes the reports broadcast on the Globo Esporte program, of TV Globo, during the Rio 2016 and Tokyo 2020 Paralympics, seeking to understand how athletes are represented in this program, through the broadcasted reports. The study analyzed 35 reports, available on the streaming video platform Globoplay, which were aired on Globo Esporte during the periods of the Rio 2016 Paralympic Games (from September 8 to September 19, 2016) and Tokyo 2020 (from August 24 to September 6, 2021). The methodology used was content analysis based on Laurence Bardin (1977). The research evaluates aspects such as the stereotypes found and the volume of information about the Paralympics in sports news. The main theoretical references of this work include Diniz (2007) for studies on disability concepts, Figueiredo (2010) for analysis of the relations between press, Paralympic Games and athletes, and Reis (2014) for discussions on public policies for para-sports in Brazil. It was observed that there have been advances in the representation of the disabled athlete in the Brazilian press.

Keywords: Communication; Press; Para-sports; Paralympics; People with Disabilities.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 –	Receita do Comitê Paralímpico Brasileiro no ano de 2021	37
Tabela 2 –	Desempenho do Brasil em cada edição dos Jogos Paralímpicos	39
Tabela 3 –	Reportagens analisadas na pesquisa	53
Tabela 4 –	Total de reportagens analisadas	58
Tabela 5 –	Resultados sobre as reportagens analisadas	58
Tabela 6 –	Estereótipos encontrados	59
Tabela 7 –	Comparativo sobre conteúdos dos Jogos Paralímpicos 2016 e outros temas no Globo Esporte	62
Tabela 8 –	Comparativo sobre conteúdos dos Jogos Paralímpicos 2020 e outros temas no Globo Esporte	64

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABDA –	Associação Brasileira de Desportos para Amputados
ABCD –	Associação Brasileira de Desporto para Cegos
ABDEM –	Associação Brasileira de Desporto de Deficientes Mentais
ABRADECAR –	Associação Brasileira de Desporto em Cadeira de Rodas
ANDE –	Associação Nacional de Desporto de Deficientes
CID –	Classificação Internacional de Doenças
CIDID –	Classificação Internacional de Deficiências, Incapacidades e Desvantagens
CIF –	Classificação Internacional de Funcionalidade, Deficiência e Saúde
COB –	Comitê Olímpico Brasileiro
COI –	Comitê Olímpico Internacional
CONADE –	Conselho Nacional dos Direitos da Pessoa Portadora de Deficiência
CORDE –	Coordenadoria Nacional para Integração da Pessoa Portadora de Deficiência
CPB –	Comitê Paralímpico Brasileiro
IDA –	Aliança Internacional de Deficiência
IPC –	Comitê Paralímpico Internacional
NRI –	Nomura Research Institute
OMS –	Organização Mundial da Saúde
ONU –	Organização das Nações Unidas
SUS –	Sistema Único de Saúde
UNESCO –	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
UPIAS –	Liga dos Lesados Físicos contra a Segregação

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	10
1.1	OBJETIVOS.....	15
1.1.1	Objetivo Geral.....	15
1.1.2	Objetivos Específicos.....	15
1.2	Justificativa.....	15
2	REFERENCIAL TEÓRICO.....	18
2.1	DEFICIÊNCIA: MODELO MÉDICO X MODELO SOCIAL.....	18
2.2	DEFICIÊNCIA E A LUTA POR DIREITOS NO BRASIL.....	20
2.3	DEFICIÊNCIA E O JORNALISMO.....	23
2.4	DEFICIÊNCIA E ESPORTE.....	25
2.4.1	Jogos Paralímpicos de Verão: história.....	28
2.4.2	Jogos Paralímpicos de Verão Rio 2016 e Tóquio 2020.....	31
2.4.3	Brasil, uma potência paralímpica.....	34
3	JOGOS PARALÍMPICOS DE VERÃO E A MÍDIA.....	41
4	ATLETAS PARALÍMPICOS E A MÍDIA.....	47
5	METODOLOGIA.....	50
6	APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	53
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	71
	REFERÊNCIAS.....	73

1 INTRODUÇÃO

Estima-se que cerca de 15% da população mundial, aproximadamente 1,2 bilhão de pessoas, possuam algum tipo de deficiência (OMS, 2012)¹. Esse número é superior às estimativas anteriores da Organização Mundial da Saúde (OMS) referentes a 1970, que calculavam a representação mundial da comunidade em cerca de 10%. No Brasil, pessoas com deficiência correspondem a cerca de 8% da população, mais de 17 milhões². Entretanto, mesmo com a expressiva presença de pessoas com deficiência na sociedade brasileira, a estigmatização na mídia ainda persiste. Isso ocorre devido às representações estereotipadas veiculadas pelos meios de comunicação.

(...) Clogston (1994) divide a cobertura jornalística em dois tipos: o modelo tradicional, que vê o indivíduo com deficiência como disfuncional, e também onde se insere o estereótipo do “super-herói”; e o modelo progressivo, vê os indivíduos como diferentes, aceita-os e respeita-os. (CLOGSTON 1994 *apud* FIGUEIREDO, 2014, p.5).

Os meios de comunicação de massa exercem influência na sociedade, de modo a estabelecer uma cultura mais homogênea nos aspectos das ações e pensamentos dos indivíduos afetados por ela, transmitindo crenças, ideologias e valores e, além disso, produzindo estereótipos. Ou seja, por meio de suas mensagens, a comunicação e o jornalismo geram significados. As mensagens, por sua vez, influenciam o público a formar opiniões sobre questões diversas, incluindo os grupos sociais, como as pessoas com deficiência.

Enquanto, simultaneamente, reflexo e agente de mudança da realidade, os media são hoje (...), uma multifacetada e poderosa máquina de condicionamento global de opiniões, dos comportamentos e dos valores, assumindo uma verdadeira função estruturante na organização e modelização do todo social. (CORREIA, 2000, p. 27).

Portanto, a comunicação desempenha um papel crucial na formulação de representações sociais e no caso do jornalismo, a produção de informações ajuda as pessoas a estabelecerem estereótipos sobre os grupos sociais. Nesse contexto, a mídia assume o poder de direcionar percepções e estereótipos acerca de pessoas com deficiência, que muitas vezes não são um grupo social frequentemente abordado no jornalismo. Dessa forma, a atuação do jornalismo em relação às representações e discursos adotados sobre pessoas com deficiência, frequentemente, reforça normas e atitudes que refletem preconceitos e estereótipos sociais.

¹ https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/44575/9788564047020_por.pdf

² <https://www.cnnbrasil.com.br/noticias/brasil-tem-mais-de-17-milhoes-de-pessoas-com-deficiencia-segundo-ibge/>

Entretanto, muito antes do papel da imprensa nesse processo, a história da humanidade mostra como, desde os primórdios, a sociedade tentou inferiorizar ou desumanizar as pessoas com deficiência (PACHECO; ALVES, 2007). A seguir, apresentamos um breve histórico sobre o tratamento dado à comunidade de pessoas com deficiência.

Foi somente a partir dos séculos XIX e XX que alguns governos começaram a construir mecanismos para promover a garantia do bem-estar de cidadãos com deficiência, criando condições para a evolução do debate sobre a temática das pessoas com deficiência e estabelecendo mais conquistas de direitos para esse grupo social. Antes disso, na Antiguidade, crianças com deficiências visíveis eram abandonadas até a morte (ARANHA, 2008 *apud* FIGUEIREDO, 2010). Indivíduos com deficiência eram encarados como castigo divino. Eles eram vistos como pragas a serem dissipadas de imediato. Posteriormente, na Idade Média, a Igreja contribuiu para a mudança do *status quo* das pessoas com deficiência perante a sociedade.

(...) a Igreja combateu, dentre outras práticas, a eliminação dos filhos nascidos com deficiência. E foi a partir do século IV que surgiram os primeiros hospitais de caridade que abrigavam indigentes e indivíduos com deficiências. (FERNANDES, 2011, p. 135).

Embora a percepção coletiva em relação às pessoas com deficiência tenha mudado, de modo que passaram a ser consideradas seres humanos, é verdade que a estigmatização persistiu. Nesse período, segundo Silva (2010), a deficiência passou a ser encarada como um castigo de Deus.

(...) na Idade Média o abandono passou a ser condenado e as pessoas com deficiência começaram a receber abrigo em asilos e conventos, principalmente. Porém, nesse período era comum a crença de que a deficiência seria um castigo de Deus por pecados cometidos e, por isso, os indivíduos com deficiência eram alvo de hostilidade e preconceito. (SILVA, 2010, p.40-41).

Ou seja, mesmo que mais humanizadas, as pessoas com deficiência não foram devidamente aceitas no meio social, tanto é que, posteriormente, no século XVII,

os deficientes passaram a ser internados em orfanatos, manicômios, prisões e outros tipos de instituições, juntamente com delinquentes, idosos e pedintes, ou seja, eram excluídos do convívio social por causa da discriminação que então vigorava contra pessoas diferentes. (BERGAMO, 2010, p.35).

Nota-se, portanto, que gerações de pessoas com deficiência sequer foram tratadas como seres humanos. Todavia, a partir do século XX com os desdobramentos da Segunda Guerra Mundial, a visão da sociedade sobre esse grupo social começou a apresentar mudanças, de modo que o enquadramento da pessoa com deficiência como um castigado arrefeceu-se. Isso porque diversos sobreviventes da guerra passaram a ser deficientes, seja de

natureza física ou intelectual.

Foi a partir da Segunda Guerra Mundial que o direito necessita se preocupar com grupos sociais específicos, nesse caso surgem os mutilados da guerra, pessoas que foram para a guerra sem nenhuma deficiência e voltam às suas casas com algum tipo de mutilação que impedem a fruição normal de suas atividades de vida diária. (TAHAN, 2012, p.21).

No século XX, os governos começaram a elaborar leis e políticas públicas com o objetivo de promover avanços na inclusão de pessoas com deficiência na sociedade, finalmente consideradas como cidadãos com direitos e deveres para participação social. Nesse contexto, a Declaração Universal dos Direitos Humanos desempenhou um papel importante na articulação de movimentos em prol da luta das pessoas com deficiência. Posteriormente, em 1981, a Organização das Nações Unidas (ONU) orientou os governos a garantirem direitos iguais para pessoas com deficiência.

No Brasil, a Constituição de 1988 foi um marco no aspecto de garantia de direitos à comunidade de deficientes, isto porque foram instituídas políticas públicas em áreas como educação, trabalho, assistência social e acessibilidade física, de forma a garantir a inclusão social das pessoas com deficiência.

Posteriormente, foi incorporada a causa dos deficientes, o anti capacitismo, que nada mais é que a luta contra o preconceito aos deficientes. A prática do capacitismo ocorre quando estigmatizamos as pessoas com deficiência em função da condição de seus corpos. A partir disso, segundo Mello (2016), as pessoas com deficiência são enxergadas como indivíduos incapazes ante o meio social. Assim sendo, o capacitismo equivale as pessoas com deficiência como o racismo para os negros e o sexismo para as mulheres (CAMPBELL, 2008), isto é, estes são inferiorizados por características indissociáveis que carregam. No caso das pessoas com deficiência, sugere-se, devido à condição, uma ausência de capacidade e da aptidão (DIAS, 2013). O capacitismo se manifesta nas diversas áreas onde os deficientes estão envolvidos. Dessa forma, o esporte adaptado e o tratamento dado pela imprensa também reverberam este comportamento, ao passo em que é comum vermos representações de atletas com deficiência como essencialmente vencedores, pelo simples fato de estarem apenas competindo e desempenhando funções para quais são treinados. Postura que não é a mesma com atletas sem deficiência.

Retomamos aqui a tratar do papel do jornalismo ante ao processo de representação social a fim de compreendermos a partir da questão da notícia. Antes de tudo, reconhecemos a importância do jornalismo para que temas e questões avancem no debate público, considerando a influência do jornalismo como formador de opinião para ampliar

mediaticamente significados, como são as representações sociais. Portanto, a prática jornalística por meio da produção de notícias é uma forma de modular o conhecimento (TUCHMAN, 1978). Assim, o jornalismo desempenha um papel crucial na consolidação de discussões na esfera pública, atribuindo graus de relevância às questões da sociedade. Isso acontece por meio da midiaticização, na qual a imprensa se torna um agente de legitimação e consolidação ao apresentar um determinado tema. Nesse contexto, "se a informação não é tratada com cuidado, acaba reforçando estigmas e posturas preconceituosas culturalmente transmitidas, que podem representar, no mínimo, um obstáculo ao progresso e ao desenvolvimento social" (AMARAL, 1994, p. 7).

Para tanto, uma das grandes oportunidades para a midiaticização da comunidade de deficientes são os Jogos Paralímpicos de Verão, realizados a cada quatro anos desde 1960 (Roma), elaborados sob influência da Segunda Guerra Mundial. O Time Brasil, como é denominado a seleção de atletas com deficiência que representam o país nas Paralimpíadas, começou a participar do evento multidesportivo a partir de 1972 nos Jogos de Heidelberg.

A edição das Paralimpíadas de Seul em 1988 é considerada um marco, pois foi o início da Era Moderna das Paralimpíadas. A partir dessa edição, os Jogos Paralímpicos passaram a ocorrer ininterruptamente na mesma cidade sede dos Jogos Olímpicos. Essa mudança foi precursora para uma parceria que viria a ser institucionalizada em 2001 entre o Comitê Paralímpico Internacional (IPC, na sigla em inglês) e o Comitê Olímpico Internacional (COI). Essa parceria estabeleceu exigências específicas relativas aos Jogos Paralímpicos para as cidades interessadas em sediar as Olimpíadas.

No que diz respeito à midiaticização, as Paralimpíadas alcançaram um avanço significativo na edição de Sydney em 2000 (CASHMAN; DARCY, 2008). Foi nesse evento que o Comitê Organizador dos Jogos Paralímpicos Sydney 2000 e a All Media Sports estabeleceram um acordo de direitos de transmissão para a distribuição e exibição do evento multiesportivo. Posteriormente, acordos de distribuição foram celebrados com emissoras de televisão em mais de 25 países. Essa edição também marcou a primeira vez que os Jogos Paralímpicos foram disponibilizados na internet.

Em termos de distribuição, as Paralimpíadas progrediram gradualmente. Os Jogos de Londres 2012 foram transmitidos para 100 países, enquanto as Paralimpíadas do Rio de Janeiro em 2016 alcançaram 154 países. A edição mais recente, os Jogos Paralímpicos de Tóquio 2020, realizados em 2021 devido à pandemia da Covid-19, estabeleceu um recorde de cobertura, com distribuição para 170 países.

Entretanto, apesar da distribuição, a execução de horas exibidas ainda é baixa. No Brasil, a título de comparação, as Olimpíadas Tóquio 2020 contaram com mais de 840 horas de transmissão no SporTV, o principal canal de esportes do país na TV por assinatura, pertencente ao Grupo Globo, e responsável pela transmissão dos dois eventos. Durante a competição, o SporTV dedicou quatro canais exclusivamente aos Jogos Olímpicos. Já para as Paralímpiadas Tóquio 2020 apenas um canal foi responsável pela transmissão (SporTV 2), com pouco mais de 100 horas dedicadas à transmissão ao vivo dos 20 esportes onde havia atletas brasileiros competindo.

Na TV aberta comercial, houve um pequeno avanço. A TV Globo, detentora dos direitos de transmissão do evento, exibiu, pela primeira vez na história, a semifinal e a final do Futebol de 5 (modalidade exclusiva a deficientes visuais). Mas no geral, a emissora restringiu sua cobertura ao noticiário Globo Esporte, exibido nas tardes de segunda a sábado, aos telejornais e a um boletim informativo diário nas madrugadas.

A partir disso, se faz necessário observar a qualidade da cobertura, buscando analisar como os atletas paralímpicos são retratados pela imprensa. Para isso, utilizamos as reportagens veiculadas no Globo Esporte, programa noticioso de esportes da TV Globo para responder: de que forma são representados atletas com deficiência nas reportagens veiculadas no programa de TV Globo Esporte durante os Jogos Paralímpicos Rio 2016 e Tóquio 2020?

A seguir, neste trabalho, iremos explorar tópicos relacionados à deficiência e à sua representação na sociedade e na mídia. Inicialmente, examinaremos os modelos de abordagem de deficiência, com foco nos modelos médico e social. Em seguida, traçamos o percurso histórico da luta pelos direitos das pessoas com deficiência no Brasil, para entender como esse grupo social se mobilizou para melhorar suas condições de vida na sociedade brasileira. Também analisaremos como o jornalismo transmite informações ao público sobre questões relacionadas à deficiência, ajudando a moldar a identidade social da comunidade dos deficientes. Além disso, discutiremos a relação entre esporte e deficiência, com ênfase na trajetória e nas implicações dos Jogos Paralímpicos. A midiatização dos Jogos Paralímpicos de Verão também serão abordados, considerando o preconceito existente em relação às capacidades das pessoas com deficiência. Por fim, examinaremos a relação entre a imprensa e os atletas com deficiência.

1.1 OBJETIVOS

1.1.1 Objetivo Geral

- Analisar de que forma são representados atletas com deficiência nas reportagens veiculadas no programa Globo Esporte, da TV Globo, durante os Jogos Paralímpicos Rio 2016 e Tóquio 2020.

1.1.2 Objetivos Específicos

- Identificar e analisar os estereótipos nas reportagens;
- Compreender se houve mudanças na apresentação das reportagens entre as Paralimpíadas Rio 2016 e Tóquio 2020.

1.2 Justificativa

A pesquisa que propomos neste trabalho se justifica pela escassez de estudos na academia relacionados ao paradesporto sob a ótica da comunicação. Embora existam diversas pesquisas sobre os benefícios físicos, mentais e sociais do esporte adaptado para pessoas com deficiência, a temática e as suas implicações no campo da comunicação ainda são pouco exploradas. Assim, nosso estudo visa analisar como os atletas do paradesporto são representados pela imprensa nacional, de modo a contribuir com uma visão mais aprofundada sobre a construção midiática desses atletas.

A escolha da editoria de esportes no jornalismo brasileiro como objeto de análise se justifica pela sua capacidade de produzir e disseminar conteúdos informativos que criam, moldam e consolidam percepções sobre os mais diversos grupos sociais, incluindo pessoas com deficiência. O programa Globo Esporte, da TV Globo, foi escolhido como objeto de análise por ser um noticiário especializado em esportes na emissora líder de audiência no Brasil.³ Portanto, consideramos relevante analisar a forma como os atletas do paradesporto são representados neste programa, a partir de suas práticas, escolhas e enquadramento ao contar suas histórias.

3

<https://www.uol.com.br/splash/noticias/ooops/2022/02/04/veja-o-ranking-de-ibope-da-tv-aberta-redetv-ja-ronda-o-traco.htm>

Ao analisar como os atletas com deficiência são representados na mídia, pretendemos apresentar à comunidade acadêmica alguns aspectos do impacto do jornalismo na produção de uma imagem de atletas com deficiência. Conforme aponta Traquina (2005, p.29), “os profissionais do campo jornalístico definem em última análise para nós as notícias e contribuem ativamente na construção da realidade.” Dessa forma, podemos constatar que o tratamento dado pelo jornalismo ao paradesporto influencia na percepção coletiva, não só sobre os atletas com deficiência, mas também sobre a comunidade dos deficientes.

É comum vermos na mídia uma representação que coloca os atletas com deficiência em uma posição de inferioridade em relação aos atletas sem deficiência. Muitas vezes, a deficiência é destacada como a principal característica do atleta, enquanto suas habilidades esportivas são minimizadas. Essa representação pode contribuir para a ideia de que as pessoas com deficiência são incapazes e dependentes, reforçando assim estereótipos e preconceitos.

No caso do paradesporto, é necessário entender como a imprensa contribui para a construção de uma imagem dos atletas com deficiência e como isso pode impactar na inclusão social desses indivíduos.

Em suma, a presente pesquisa se justifica pela relevância que o tema tem na atualidade e na falta de estudos que abordem a temática sob o olhar da comunicação. Além disso, espera-se que esta pesquisa possa contribuir para a reflexão crítica acerca da representação midiática de pessoas com deficiência no Brasil e na identificação das melhores práticas jornalísticas a serem adotadas pelos veículos de comunicação ao abordar temas relacionados ao paradesporto.

Em termos metodológicos, a pesquisa adotará a abordagem qualitativa e quantitativa, realizando uma análise de conteúdo no programa Globo Esporte, da TV Globo. A análise dos dados foi realizada a partir da metodologia de análise de conteúdo proposta por Laurence Bardin (1977), que consiste em identificar e analisar as categorias presentes no objeto de análise, no caso, o programa Globo Esporte. A análise de conteúdo é uma técnica de pesquisa que tem como objetivo extrair significados de textos ou documentos por meio da identificação de categorias que permitem inferir sobre a natureza e as características dos fenômenos analisados.

Ao final da pesquisa, espera-se obter uma compreensão mais ampla das representações dos atletas com deficiência na mídia brasileira a partir do programa Globo Esporte. Com base nessa análise, poderão ser propostas recomendações para que a cobertura do paradesporto seja

mais inclusiva e respeitosa com as pessoas com deficiência, contribuindo para a promoção da igualdade e da valorização da diversidade na sociedade brasileira.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 DEFICIÊNCIA: MODELO MÉDICO X MODELO SOCIAL

A busca pela definição do que é deficiência é alvo de disputa teórica recorrente. A Organização das Nações Unidas (ONU, 1981) define que a pessoa com deficiência é qualquer uma que, em razão de uma deficiência congênita ou não, fica limitada no desenvolvimento, seja parcial ou completamente, das necessidades de uma vida pessoal ou social normal. Já a Organização Mundial de Saúde (OMS) aponta que a "deficiência representa qualquer perda ou alteração de uma estrutura ou de uma função psicológica, fisiológica ou anatômica" (OMS, 1989, p. 56). No aspecto da disputa, dois modelos de abordagem se destacam: a) modelo médico e b) modelo social. Essa discussão ultrapassa questões relacionadas aos tipos de deficiência (auditiva, física, intelectual, múltipla, psicossocial ou visual).

O modelo médico surge em um contexto histórico em que as concepções religiosas são superadas pelas concepções científicas. Ou seja, a partir da racionalidade médica moderna, os indivíduos tornam-se objeto de estudo, extraindo resultados concretos e objetivos, dispensando explicações religiosas e/ou sobrenaturais. Segundo Diniz (2007, p.15): "Para o modelo médico, deficiência é consequência natural da lesão em um corpo, e a pessoa deficiente deve ser objeto de cuidados biomédicos." Portanto, dentro do modelo médico, a deficiência é vista como uma condição negativa que, se não eliminada, precisa ser reduzida em termos de impacto no indivíduo, para que este seja incluído na sociedade.

A extinta Classificação Internacional de Deficiências, Incapacidades e Desvantagens (CIDID), que integrava a Classificação Internacional de Doenças (CID) da OMS, é uma comprovação da compreensão enraizada sobre a questão da deficiência, mesmo que a classificação não exista mais. Pois, segundo França (2013, p.61), "o descrédito formal do documento não representa necessariamente uma mudança de concepção do que é a deficiência em uma dimensão socialmente ampla". Portanto, o surgimento do modelo social virá em contraposição para oferecer justamente a "dimensão socialmente ampla" sobre a temática da deficiência, que antes não existia, de modo que até então o modelo médico era o único modo de interpretar a deficiência.

O modelo social da deficiência, proposto por Paul Hunt (1966), busca abordar aspectos da deficiência além das questões médicas, focando no entendimento das limitações sociais que a sociedade impõe às pessoas com deficiência. Antes de desenvolver essa teoria, o sociólogo britânico criou a *The Union of the Physically Impaired Against Segregation*

(UPIAS). Essa organização desempenhou um papel fundamental na concepção da teoria, que considera a deficiência como um fenômeno de natureza social. Por meio da UPIAS, os conceitos de lesão (*impairment*) e deficiência (*disability*) foram ressignificados.

(...) lesão como a falta completa ou parcial de um membro ou ter um membro, órgão ou uma função do corpo com defeito; e deficiência como a desvantagem ou restrição de atividade causada pela organização social contemporânea que não (ou pouco) leva em consideração as pessoas que possuem uma lesão, e assim as exclui da participação das atividades sociais. (FRANÇA, 2013, p.62).

Desta forma, o modelo social da deficiência constata a exclusão e opressão impostas às pessoas com deficiência, em razão das lesões no corpo. Nesse sentido, cabe à sociedade alterar o comportamento opressor para incluir as pessoas com deficiência no meio social. Oliver (1996) aponta que o Modelo Social tem como um dos principais méritos a celebração da diferença e as diversas experiências de vida, em detrimento da padronização.

Com base no próprio Modelo Social, a Segunda Geração do Modelo Social (DINIZ, 2007) surgiu. Esta tese emerge a partir da crítica feminista relacionada ao tema e busca avançar ainda mais sobre a questão, pois de toda forma "aqueles primeiros teóricos eram membros da elite dos deficientes, e suas análises reproduziam sua inserção de gênero e classe na sociedade" (DINIZ, 2007, p.62).

As teóricas feministas⁴ comungam junto aos precursores do Modelo Social da ideia de que as estruturas sociais exercem um papel opressor à comunidade dos deficientes. No entanto, o principal ponto de divergência da Segunda Geração do Modelo Social com a Primeira Geração do Modelo Social é a de que a eliminação das barreiras de opressão impostas pelo meio social possam resolver por si todo o problema da exclusão, "pois se pressupunha que o deficiente seria uma pessoa tão potencialmente produtiva como o não-deficiente" (DINIZ, 2007, p.60).

Entretanto, as feministas apontam que a ideia era "insensível à diversidade de experiências da deficiência" (DINIZ, 2005, p.63), como é o caso das deficiências mais severas, cujos indivíduos que as têm não conseguem alcançar o objetivo da independência. Dessa maneira, por meio da Segunda Geração do Modelo Social:

Foram as feministas que introduziram o debate sobre as restrições intelectuais, sobre a ambiguidade da identidade deficiente em caso de lesões não aparentes e, o mais revolucionário e estrategicamente esquecido pelos teóricos do modelo social, sobre o papel das cuidadoras dos deficientes. Também foram as feministas que passaram a falar nos "corpos temporariamente não-deficientes", insistindo na ampliação do conceito de deficiência para condições como o envelhecimento ou as doenças

⁴ Conforme registra Diniz (2007), o uso do termo "teóricas feministas" para descrever a Segunda Geração do Modelo Social ocorre devido ao fato da vasta maioria delas serem mulheres. Dentre elas, Carol Thomas, Eva Kittay, Jenny Morris, Mairian Corker, Simi Linton, Susan Wendell, etc.

crônicas. (DINIZ, 2007, p. 61).

Diante disso, percebe-se que o desenvolvimento da crítica feminista é de fundamental importância para jogar luz sobre questões que a Primeira Geração do Modelo Social não considerou, muita dessas por opção política a fim de reforçar a premissa de que a deficiência tinha como raiz a sociedade e não o indivíduo. Por sua vez, a Segunda Geração do Modelo Social apresentou questões outrora negligenciadas sobre as deficiências.

No próximo tópico, abordaremos o processo de luta pelos direitos da comunidade de pessoas com deficiência no Brasil. Isso nos permitirá compreender como esses indivíduos se articularam para estabelecer melhores condições de convivência social na sociedade brasileira.

2.2 DEFICIÊNCIA E A LUTA POR DIREITOS NO BRASIL

Durante o processo de luta pela redemocratização do Brasil, surgem também movimentos na sociedade civil que redefinem o papel das próprias pessoas com deficiência na luta por direitos. Historicamente, era oferecido à comunidade de deficientes um atendimento caritativo, idealizado por não-deficientes, sem que houvesse um papel mais ativo dos deficientes nas decisões a serem tomadas a respeito deles mesmos.

Percebe-se que, a partir dos anos 1970, pessoas com deficiência começam a articular e dirigir organizações que desafiam o status quo no que se refere ao protagonismo da comunidade de deficientes em sua própria causa. Assim, a distinção entre os institutos "para deficientes" e "de deficientes" tornou-se mais evidente.

Enquanto na primeira, as pessoas com deficiência passaram a atuar de forma direta dentro da instituição e na luta por sua inserção social; na segunda, havia um pensamento caritativo e filantrópico que resultava em políticas segregadoras e não fomentava o debate sobre as condições de vida das pessoas com deficiência e sua inserção social. (DE ALMEIDA, 2011. p.38).

O acontecimento central que demonstra a consolidação desse novo momento foi a criação da Coalizão Pró-Federação Nacional de Entidades de Pessoas Deficientes, em 1980. Esse movimento representou a primeira articulação da comunidade de pessoas com deficiência com o objetivo de pressionar as instituições políticas estabelecidas por melhorias concretas para os deficientes, em contraposição ao modelo caritativo e clientelista que essas instituições ofereciam como solução aos problemas das pessoas com deficiência.

A primeira reunião dessa comissão realizou-se em novembro de 1980 e marcou a união em nível nacional da luta por autonomia das pessoas com deficiência, dando-lhe forças necessárias para lutar politicamente por seus direitos. Nesse

primeiro encontro, as pessoas com deficiência que lá estavam, por meio das discussões sobre suas necessidades, passaram a se perceber como indivíduos ligados a um grupo social que possuía lutas em comum e, por consequência, passaram a reivindicar o acesso às esferas social, cultural, intelectual, política e econômica de forma coletiva e estruturada. (DE ALMEIDA, 2011, p.53).

Nesse contexto, as reivindicações contemplavam diversos tipos de deficiência - auditiva, física, intelectual, visual, entre outras. No entanto, apesar da articulação ter sido crucial para o avanço das discussões sobre as questões relacionadas à comunidade das pessoas com deficiência na sociedade civil e no sentido de ações governamentais para atender às demandas necessárias aos deficientes, divergências e desconfianças começaram a surgir entre deficientes físicos, auditivos e visuais. Essas diferenças ocorriam principalmente no que diz respeito aos procedimentos decisórios e, por essa razão, a Coalizão Nacional foi dissolvida (NASCIMENTO, 2001).

Após a dissolução da Coalizão Nacional, em dezembro de 1984, foi fundado o Conselho Brasileiro de Entidades de Pessoas Deficientes, buscando dar continuidade ao trabalho e à representação das pessoas com deficiência no país.

Este conselho reunia quatro organizações recém criadas, cada uma representando um tipo de deficiência: a FEBEC (Federação Brasileira de Entidades de Cegos), a FENEIS, (Federação Nacional de Educação e Integração de Surdos), a ONEDEF (Organização Nacional de Entidades de Deficientes Físicos) e o MORHAN (Movimento de Reintegração dos Hansenianos). No ano seguinte, foi fundada a SBO (Sociedade Brasileira de Ostomizados), que inicialmente atuava de forma isolada, mas logo passou a integrar o movimento nacional. Em 1987, foram as pessoas com paralisia cerebral que fundaram sua própria associação, a APCB (Associação de Paralisados Cerebrais do Brasil), que, logo em seguida, também se integrou à Coalizão. (CORDEIRO, 2007, p.45).

O Conselho Brasileiro de Entidades de Pessoas Deficientes esteve ativo até 1986, quando no final da década de 1990 foi substituído pelo Fórum Brasileiro de Deficiências e Patologias. O fórum representou uma maior participação de entidades DE e PARA pessoas com deficiência no sentido reivindicativo direto ao Estado. Isto porque o fórum integrava o Conselho Nacional de Saúde (NASCIMENTO, 2001), e atuava reivindicando as demandas da comunidade dos deficientes no Sistema Único de Saúde (SUS).

Ainda na década de 1980, foram criados o Conselho Nacional dos Direitos da Pessoa Portadora de Deficiência (CONADE) e a Coordenadoria Nacional para Integração da Pessoa Portadora de Deficiência (CORDE), ambos subordinados a ministérios do Poder Executivo. Além disso, foram estabelecidas Coordenadorias e Conselhos Estaduais e Municipais para tratar das questões específicas das pessoas com deficiência em âmbito local.

Ao CONADE coube a função de acompanhamento e avaliação da política nacional de pessoas com deficiência e das políticas setoriais de educação, assistência social, saúde, trabalho, transporte, turismo, cultura, lazer, desporto e política urbana,

relacionadas às pessoas com deficiência. Já à CORDE foi incumbida, entre outras iniciativas, de “[...] recolher sempre que possível a opinião das pessoas e entidades interessadas, bem como considerar a necessidade de efetivo apoio aos entes particulares voltados para a integração social das pessoas portadoras de deficiência” (lei 7.853/89, artigo 12, VIII, § único).

Os conselhos estaduais, municipais e as coordenadorias foram criados, segundo Nascimento (2001), a partir de modelos diferentes de estrutura, embora se assemelhassem em relação aos seus propósitos. As coordenadorias são órgãos governamentais, mais consultivos que executivos ou deliberativos, têm pouca participação das pessoas com deficiência em seu comando. Já os conselhos têm concepção de eleição comunitária, contando com a participação de entidades DE e PARA, bem como de representantes do governo. (CORDEIRO, 2007, p.46-47).

A maior integração dos deficientes junto ao Estado e na sociedade é simbolizada pela Constituição de 1988, que marcou a redemocratização no Brasil. Durante o processo de elaboração da Constituição Federal, representantes da comunidade de deficientes foram incluídos. Isso fica evidente no 3º Encontro Nacional de Coordenadorias, Conselhos Estaduais e Municipais e Entidades de Pessoas Portadoras de Deficiência, realizado em dezembro de 1986 (CORDEIRO, 2007). Esse encontro teve como objetivo a elaboração de propostas para a nova Constituição, sendo 14 propostas que abrangiam áreas como Acessibilidade, Assistência Social, Educação, Saúde, Direitos Humanos, entre outras.

A participação direta da comunidade dos deficientes contribuiu “para a elaboração de uma constituição na qual o paternalismo teria de dar lugar à equiparação de oportunidades e a tutela, por sua vez, teria de ser substituída pela plena cidadania” (CORDEIRO, 2007, p.48). Na área educacional, por exemplo, foram alcançados avanços na medida em que ficou expressamente proibida a recusa de matrícula de crianças com deficiência, motivada por causa da deficiência. Por sua vez, o Estado passou a ser obrigado a qualificar profissionais da educação para a tarefa de educá-los, enquanto as instituições de ensino, com vistas ao direito básico à educação instituído, acolhê-las.

A Constituição Federal de 1988 desempenhou um papel importante no estabelecimento de leis, como a Lei da Acessibilidade, visando reduzir ou eliminar as dificuldades enfrentadas pelos deficientes no aspecto arquitetônico. Mais tarde, também foi promulgado o Estatuto da Pessoa com Deficiência, Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015.

(...) destinada a assegurar e a promover, em condições de igualdade, o exercício dos direitos e das liberdades fundamentais por pessoa com deficiência, visando à sua inclusão social e cidadania. (BRASIL, 2015).

Essas e outras iniciativas governamentais influenciam a inclusão da comunidade de pessoas com deficiência na sociedade. Não obstante, a imprensa também desempenha um papel central nesse processo. No próximo tópico, abordaremos como o jornalismo transmite informações ao público sobre questões relacionadas às pessoas com deficiência.

2.3 DEFICIÊNCIA E O JORNALISMO

A representação midiática é um dos elementos centrais para a percepção coletiva sobre grupos sociais. Traquina (2004, p. 26) aponta que “jornalistas são participantes ativos na definição e na construção das notícias, e, por consequência, na construção da realidade”. Ou seja, por meio de enquadramentos, o jornalismo auxilia no processo de construção da identidade da sociedade, bem como dos grupos sociais minorizados, como é o caso das pessoas com deficiência.

Em vista disso, o discurso é uma atividade central dentro do jornalismo: por meio do artifício do discurso, a atividade jornalística se propõe a ser um mediador social. A construção do discurso se faz através da notícia, um produto da informação. Assim, "as notícias não podem ser vistas como emergindo naturalmente dos acontecimentos do mundo real; as notícias acontecem na conjunção de acontecimentos e de textos" (TRAQUINA, 1993, p.168). A partir dessa conjunção, a linguagem exerce um grau de protagonismo nesse processo, pois embora expresse fenômenos sociais, ocorre também na história, sociologia e na ciência política.

(...) o jornalismo, diferente destas disciplinas, não tem o rigor científico como premissa para elaborar seus enunciados. A sua é uma premissa ética e estética. E o jornalismo, assim como a ficção, tem a linguagem como cúmplice de sua produção. (BERGER, 1998. p.19).

Portanto, o jornalismo exerce também, uma função de “tradutor” dos acontecimentos ao público e faz isso “num processo de encadeamento [que] cria a ilusão de uma relação significativa entre causas e conseqüências para os fatos ocorridos” (MARIANI, 1998 *apud* DE CARLI, 2003, p.36). Com a colaboração - também - desse artifício desenvolve-se o principal capital do jornalismo - a credibilidade. (DE CARLI, 2003).

O discurso midiático do jornalismo se distingue dos demais devido à necessidade de ser credível, e portanto, para alcançar a credibilidade precisa ser verdadeiro, objetivo e equilibrado. Cabe ressaltar que o percurso em prol da credibilidade é questionado por autores, conforme aqui discutiremos.

Para compreendermos esse tensionamento, é necessário assimilarmos os quatro procedimentos estratégicos (TUCHMAN, 1999) a fim de alcançar a idealizada objetividade: a) verificação e comprovação das informações; b) apresentação de pontos de vistas conflitantes (sobre os fatos); c) o uso das aspas (citar a opinião de outras pessoas, sem que o repórter manifeste a opinião diretamente); d) a evidência de provas auxiliares (dados e

detalhes para sustentar a notícia); e) a estruturação da informação numa sequência apropriada, mais precisamente a adesão ao lead (onde, como e por que do fato) e a técnica da pirâmide invertida (as principais informações são encadeadas em sequência no texto - da mais importante a menos importante).

Todavia, a compreensão de objetividade tornou-se debate teórico e passou a ser questionada, visto que o exercício da atividade jornalística *per se* implicaria em fazer uso da subjetividade, conforme De Carli (2003).

A subjetividade estará presente em todos os momentos da produção de notícias – sempre que o jornalista definir uma pauta em detrimento de outra, o uso de uma palavra e não outra na constituição de um texto, a escolha desta fonte e não daquela, a opção por esta declaração em vez de outra. (DE CARLI, 2003, p.38).

Ou seja, o discurso jornalístico é constituído essencialmente por escolhas, portanto, subjetividade, o que inviabiliza a objetividade no todo. Para além da figura do jornalista dentro do processo da formação do discurso jornalístico, os veículos de comunicação também trazem consigo formações ideológicas que impactam como subjetividade.

Elementos como apuração abrangente, verificação de dados, uso de fontes diversificadas e aplicação de critérios de noticiabilidade são indispensáveis, visando uma comunicação clara e precisa ao público. Moraes (2019) acrescenta:

Uma prática ativista não significa abrir mão de ferramentas e procedimentos vitais (apuração, pesquisa, produção polifônica), mas sim empregá-los em abordagens que, bem realizadas, respeitam e potencializam aquilo que o jornalismo tem de mais poderoso: iluminar o que está sob as sombras. É vital compreender que o caminho da objetividade no jornalismo, para além dos procedimentos técnicos, deve ser guiado também pela percepção da sub-representação que atinge diversos grupos sociais, uma sub-representação, repito, causada também pelo jornalismo. (MORAES, 2019, p.216).

Portanto, o jornalismo deve ser guiado não apenas por procedimentos técnicos, mas também pela consciência da necessidade de dar voz e visibilidade aos grupos sub-representados na sociedade - como é o caso das pessoas com deficiência.

Dessa forma, movimentos sociais de pessoas com deficiência têm se articulado junto aos veículos de comunicação para atestar alterações no modo de tratamento à comunidade dos deficientes, sobretudo nos termos ou enquadramentos para se dirigir a esta. Pois, historicamente, expressões como “é vítima de...” ou “sofre de...” (nome da deficiência) foram não só utilizadas, como também naturalizadas na imprensa. Do ponto de vista de enquadramento, o uso da deficiência como ponto central por parte dos jornalistas para contar histórias sobre pessoas com deficiência é comumente utilizado.

A editoria de esportes, objeto de estudo desta pesquisa, serve vários exemplos de

enquadramentos depreciativos à comunidade dos deficientes: a narrativa da “tragédia” (causa da deficiência), “superação”, “super-herói”, o “vencedor independente do resultado”. No entanto, antes disso, é importante entendermos a relação entre esporte e deficiência, conforme discutiremos a seguir.

2.4 DEFICIÊNCIA E ESPORTE

Embora a relação entre deficiência e esporte tenha se estreitado após a Segunda Guerra Mundial, por volta de 1870, já começavam a surgir movimentos de esportes adaptados. Tais movimentos envolviam as pessoas surdas, onde escolas especializadas (direcionada a pessoas com deficiência) nos Estados Unidos promoviam competições esportivas entre pessoas com deficiência auditiva (WINNICK, 2004; ARAÚJO, 1997). Posteriormente, a realização das “Olimpíadas do Silêncio” em Paris, no ano de 1924 consolidou o movimento de inclusão dos surdos em competições esportivas (WINNICK, 2004).

Os surdos, cabe registrar, não participam dos Jogos Paralímpicos e têm uma competição específica, que é a Surdolimpíada (*Deaflympics*)⁵. Por sua vez, pessoas com deficiência física passaram a ser incluídas no esporte em 1918 na Alemanha, a fim de amenizar os impactos da Primeira Guerra Mundial (CARDOSO, 2011) àqueles que dela participaram, e tiveram consequências físicas e/ou psicológicas do combate. Portanto, nesse cenário o esporte adaptado entrou em ação como elemento de reabilitação, conforme Gorgatti (2005).

O esporte para pessoas com algum tipo de deficiência iniciou-se como uma tentativa de colaborar no processo terapêutico delas e logo cresceu e ganhou muitos adeptos. Atualmente mais do que terapia o esporte para esta população caminha para o alto rendimento e o nível técnico dos atletas impressiona cada vez mais o público e os estudiosos da área de Educação Física. (GORGATTI, 2005, p.532).

Os benefícios da prática do esporte adaptado são amplamente comprovados. No estudo de Labronici *et al.* (2000) foram evidenciados grandes benefícios afetivos, sociais e de lazer aos participantes da pesquisa. Neste estudo, participaram trinta pessoas com deficiência física em processo inicial no paradesporto - 15 atletas de basquete e 15 atletas de natação. Foi demonstrado, por exemplo, baixa incidência de depressão, alto vigor e melhora nos relacionamentos. Por isso, não é incorreto afirmar que o esporte adaptado contribui para a inclusão social da pessoa com deficiência.

⁵ <https://agenciabrasil.ebc.com.br/rio-2016/noticia/2016-09/atletas-surdos-nao-participam-de-paralimpiada>

A inclusão social, no entanto, é um fenômeno de complexidade reconhecida que não se limita apenas à esfera esportiva, mas abrange uma ampla gama de aspectos da vida social. No que se refere ao paradesporto, este processo se dá ao passo em que a prática profissional do esporte adaptado torna-se meio relevante para que pessoas com deficiência ascendam perante ao meio social, contudo a própria competitividade que está presente no paradesporto causa uma exclusão, os critérios de classificação são um ponto central nesse aspecto.

No caso do esporte paralímpico, o nível mais elevado do paradesporto, são definidas classificações com base no grau de comprometimento que a deficiência impõe ao atleta na modalidade esportiva que compete, que é chamada de classificação funcional.

No atletismo⁶, por exemplo, os atletas com deficiência são divididos em grupos de acordo com o grau de deficiência constatado pela classificação funcional. Os competidores em provas de pista e de rua (velocidade, meio-fundo, fundo e maratona) e salto em distância, levam a letra T (de *track*, em tradução livre, pista) em sua classe junto a uma numeração que corresponde à classificação funcional. Já os competidores de provas de campo, como arremessos e lançamentos, levam a letra F (de *field*, em tradução livre, campo), do mesmo modo, junto a uma numeração que corresponde a classificação funcional.

Classificação funcional Track:

- **T 11 a 13:** deficientes visuais
- **T 20:** deficientes intelectuais
- **T 31 a 38:** pessoas com paralisia cerebral (31 a 34 para cadeirantes, 35 a 38 para pessoas que não utilizam cadeira de rodas para se locomover)
- **T 40 e 41:** pessoas com nanismo
- **T 42 a 44:** deficiência nos membros inferiores
- **T 45 a 47:** deficiência nos membros superiores
- **T 51 a 54:** competem em cadeiras (sequelas de poliomielite, lesão medular e amputação)
- **T 61 a 64:** amputados de membros inferiores com prótese

Classificação funcional Field:

- **F 11 a 13:** deficientes visuais
- **F 20:** deficientes intelectuais
- **F 31 a 38:** pessoas com paralisia cerebral (31 a 34 para cadeirantes, 35 a 38 para pessoas

⁶ <https://www.cpb.org.br/modalidades/46/atletismo>

que não utilizam cadeira de rodas para se locomover)

- **F 40 e 41:** pessoas com nanismo
- **F 42 a 44:** deficiência nos membros inferiores
- **F 45 a 47:** deficiência nos membros superiores
- **F 51 a 57:** competem em cadeiras (sequelas de poliomielite, lesão medular e amputação)

Por sua vez, outras modalidades do esporte paralímpico também realizam tal divisão por meio da classificação funcional, considerando as especificidades do esporte em si. O objetivo da classificação funcional é estabelecer algum grau de justiça, a fim de evitar que haja disparidade funcional, e até mesmo permitir que atletas com maior nível de comprometimento por conta da deficiência consigam participar dos Jogos. O processo é composto por três procedimentos (STROHKENDL, 2001 *apud* CARDOSO; GAYA, 2014): a) avaliação médica (correspondente à especificidade da deficiência do atleta); b) funcional (correspondente à especificidade do esporte que o atleta irá competir); c) acompanhamento competitivo (para atestar a análise relacionada à especificidade do esporte, a fim de evitar fraudes).

Além disso, os atletas com deficiência inseridos no mais alto nível, o esporte paralímpico, são acompanhados, e ao longo da carreira, podem ser posicionados em outras classes de uma modalidade ou até mesmo ser desclassificados por não atenderem critérios de classificação, de modo que ficam inelegíveis ao paradesporto.

O caso do nadador paralímpico André Brasil é um exemplo. Detentor de 14 medalhas em Jogos Paralímpicos, depois de mudanças na classificação funcional, o brasileiro foi considerado inelegível para a classe que competia em avaliação realizada no ano de 2019⁷ - ele não perdeu as medalhas conquistadas -, tentou recorrer nas cortes judiciais do esporte, mas acabou proibido de competir, o que o deixou fora dos Jogos Tóquio 2020. Antes de ser excluído, André Brasil competia desde 2005 na classe S10 da natação - esta é a mais alta das classes funcionais. Desse modo, ficar fora dela significa que o atleta não tem os requisitos mínimos para ser um atleta paralímpico, entenda-se, não possui deficiência.

No entanto, André Brasil teve poliomielite aos três meses de vida e, como sequela, uma diferença de cinco centímetros de uma perna para outra - suficiente para ser considerado, em termos clínicos, um deficiente físico.

⁷ <https://jornal.usp.br/atualidades/mudancas-na-classificacao-funcional-de-atletas-barram-nadador-paralimpico/>

A partir disso, observamos como o papel do paradesporto pode ser paradoxal no que se refere à inclusão. Ao mesmo modo que é feito para incluir, pode também gerar exclusão vide o sistema de classificação funcional do IPC. Não obstante, especialmente os Jogos Paralímpicos, em alguma medida, contribuem em favor da visibilidade à comunidade das pessoas com deficiência.

2.4.1 Jogos Paralímpicos de Verão: história

A origem dos Jogos Paralímpicos de Verão remonta ao fim da Segunda Guerra Mundial. O governo britânico decidiu, em razão das consequências do conflito, criar, em 1944, o *Spinal Injuries Centre* (Centro de Lesionados Medulares) no Hospital de Stoke Mandeville. A partir disso, em 1948, o médico Ludwig Guttmann, então diretor do centro, organizou o primeiro *Stoke Mandeville Games*, precursor do que seriam as Paralimpiadas (HILGEMBERG, 2019). O evento esportivo foi realizado no Hospital Stoke Mandeville com pacientes do Centro de Lesionados Medulares, de modo a estimular a reabilitação. Nesta edição, participaram 16 atletas, sendo 14 homens e 2 mulheres em competições de tiro com arco. O Stoke Mandeville Games passou então a ser realizado anualmente.

O processo de internacionalização com vistas a se tornar algo similar aos Jogos Olímpicos se iniciou em 1952, quando a competição recebeu a primeira delegação fora do território do Reino Unido - vinda da Holanda. Atletas holandeses competiram, além do tiro com arco, no dardo, sinuca e tênis de mesa (LEGG; STEADWARD, 2011 *apud* HILGEMBERG, 2019). Esse processo de internacionalização evoluiu com mais países sendo integrados ao evento por meio de suas delegações. Um exemplo foi a edição realizada em Roma (1960), que reuniu 400 atletas deficientes de 23 países⁸. A consequência do crescimento da competição, pelo menos em termos de adesão, foi a criação do *International Stoke Mandeville Games Committee* (Comitê Internacional dos Jogos de Stoke Mandeville), que ficou à frente dos Jogos até 1972, na edição realizada em Heidelberg, na Alemanha (GOLD; GOLD, 2007 *apud* HILGEMBERG, 2019).

A edição de Roma em 1960 marcou a primeira vez que o evento ocorreu a cada quatro anos, assim como as Olimpíadas, e também foi sediado na mesma cidade das Olimpíadas. No entanto, vale ressaltar que o termo "Jogos Paralímpicos" ainda não era oficialmente usado naquela época, sendo adotado apenas na edição de Seul em 1988. Além disso, foi na Coreia

⁸ <https://www.cbc.ca/sports/2.720/paralympics-traces-roots-to-second-world-war-1.697123>

do Sul que as Paralímpiadas retomaram a tradição de serem realizadas na cidade anfitriã das Olimpíadas, uma prática que, após Roma em 1960, só havia sido repetida em Tóquio em 1964.

A organização dos Jogos na Cidade do México desistiu de sediar o evento em 1968, alegando falta de condições, o que levou à transferência dos Jogos para Tel Aviv. Munique também abandonou a ideia de realizar o evento devido a problemas financeiros e estruturais, fazendo com que Heidelberg assumisse a responsabilidade em 1972.

A cidade-sede mudou novamente em 1976, mas continuou no mesmo país, passando de Montreal para Toronto, pois os organizadores em Montreal não permitiram o uso das instalações dos Jogos Olímpicos. Adiante, os Jogos aconteceram em Arnheim, na Holanda, já que a União Soviética não demonstrou interesse em sediá-los devido ao contexto da Guerra Fria e à alegação de que não havia pessoas com deficiência em seu território.

A última edição realizada fora da cidade-sede dos Jogos Olímpicos foi a de 1984. Nela, Stoke Mandeville e Nova Iorque se dividiram como sede do evento por dois fatores: 1) a saída de última hora da Universidade de Illinois, estado norte-americano, como sede dos eventos em cadeira de rodas; 2) a disputa do nome Paralímpiadas, considerando que o uso dele causaria conflito com os Jogos Olímpicos. O Comitê Olímpico Americano vetou a utilização do termo (HILGEMBERG, 2019).

A partir dos Jogos Paralímpicos de Seul, realizados em 1988, instituiu-se a “Era Moderna” das Paralímpiadas. Este processo foi marcado por mudanças significativas a respeito do evento desportivo. O nome tornou-se, de fato, Jogos Paralímpicos, sem controvérsias ou restrições, além disso, depois de 24 anos, o evento voltou a ser realizado no mesmo local dos Jogos Olímpicos, após acordo entre o Comitê Paralímpico Organizador dos Jogos de Seul e o Comitê Olímpico Organizador, que embora não tivessem uma relação acentuada, foi suficiente para promover uma maior integração na organização.⁹ Também na edição de Seul foram realizadas pela primeira vez cerimônias de abertura e encerramento no Estádio Olímpico, bem como o revezamento da tocha paralímpica, que tornou-se obrigatório desde então.

Os Jogos Paralímpicos de Seul marcaram o início do processo de mudança também na estrutura organizacional do esporte paralímpico, ao passo em que diversas entidades que tratavam do paradesporto se integraram.

Com o objetivo de organizar os jogos de modo mais eficiente e fortalecer o Movimento Paralímpico, quatro grupos formaram o Comitê de Coordenação

⁹ <https://www.paralympic.org/seoul-1988>

Internacional (ICC em inglês), parte da Organização Mundial de Esportes para a Pessoa com Deficiência, em 1982. O Comitê foi ganhando importância, principalmente com a inclusão dos Comitês Paralímpicos Nacionais e, em 1989, foi formalizada a criação do Comitê Paralímpico Internacional (IPC, em inglês). (LONGO, 2019, p.56).

A consequência da criação do IPC foi o estabelecimento de um melhor relacionamento com o Comitê Olímpico Internacional (COI). Com isso, acordos de cooperação entre as entidades foram firmados a fim de fortalecer o Movimento Paralímpico. Oficialmente, os acordos de cooperação começaram a vigorar em 2001, o último acordo foi assinado em 2016¹⁰ e prevê a manutenção da parceria entre as entidades, pelo menos até 2026.

Paulatinamente, marcos foram registrados a cada edição dos Jogos Paralímpicos. A edição de Barcelona¹¹, realizada em 1992, foi a primeira a ser transmitida ao vivo para o país-sede. Estima-se que 7 milhões de telespectadores, em média, assistiram diariamente a competição pela televisão na Espanha. Além disso, no plano organizacional, houve a unificação do Comitê Organizador dos Jogos, o que fez com que também ocorresse mudanças no sistema de classificação, a fim de elevar o nível das competições, bem como incluir atletas de diferentes deficiências nas mesmas modalidades.

A edição de Atenas, realizada em 2004, no país de origem dos Jogos Olímpicos, também marcou um novo momento na história das Paralimpíadas, ao passo em que se propôs a deixar um legado de acessibilidade. Para tanto, foi lançado o projeto “ERMIS”¹² com objetivo de

melhorar a acessibilidade das empresas para todos os cidadãos. Empresas como lojas, farmácias, cafês, restaurantes, etc. podem se tornar acessíveis por meio de adaptações simples e baratas, que beneficiarão não só pessoas com deficiência, mas também pessoas com necessidades especiais como idosos, gestantes e crianças pequenas. (ATHENS, 2004, tradução nossa)¹³.

Dessa forma, os Jogos de Atenas foram precursores no que se refere a busca por estabelecer um legado no país através da realização das Paralimpíadas, a fim de melhorar a qualidade de vida das pessoas com deficiências que ali residem.

Os Jogos Paralímpicos de Pequim¹⁴, realizados em 2008, seguiram a mesma tendência

¹⁰

[https://www.surtoolimpico.com.br/2016/06/coi-e-ipc-renovam-acordo-de-cooperacao.html#:~:text=O%20Comit%C3%AA%20OI%C3%ADmpico%20Internacional%20\(COI,e%20fortalecer%20a%20marca%20paral%C3%A Dmpica.](https://www.surtoolimpico.com.br/2016/06/coi-e-ipc-renovam-acordo-de-cooperacao.html#:~:text=O%20Comit%C3%AA%20OI%C3%ADmpico%20Internacional%20(COI,e%20fortalecer%20a%20marca%20paral%C3%A Dmpica.)

¹¹ <https://www.paralympicheritage.org.uk/barcelona-1992-paralympic-summer-games>

¹² <https://web.archive.org/web/20050207084802/http://www.athens2004.com/en/ProjectAnd8220Ermisand8221>

¹³ No original: “*is to improve the accessibility of businesses for all citizens. Businesses like shops, pharmacies, cafês, restaurants, etc. can become accessible through simple and inexpensive adaptations, which will benefit not only people with a disability, but also people with special needs such as the elderly, pregnant women and little children.*”

¹⁴ <https://www.paralympic.org/beijing-2008>

dos Jogos de Atenas como meio para o fim de proporcionar melhor qualidade de vida à comunidade dos deficientes no país. Para tanto, formulou-se uma legislação sobre a construção de instalações acessíveis a esses, que fez com que fossem construídas cerca de 14 mil instalações acessíveis, incluindo estradas, centros de transporte e edifícios públicos em toda a China em um investimento na ordem de 124 milhões de euros.

Além disso, houve a elaboração de uma nova lei sobre a Proteção das Pessoas com Deficiência, aprovada pelo Comitê Permanente do Congresso Nacional Popular com o objetivo de também, promover informações acessíveis, a fim de possibilitar a participação igualitária na vida social das pessoas com deficiência. Cabe ressaltar que tais avanços contrastam com a medida tomada em 1960, nos Jogos de Roma, quando a China foi convidada a participar do evento, mas recusou, alegando que não havia pessoas com deficiência no país (HILGEMBERG, 2019).

A edição de Londres 2012¹⁵ marcou o retorno das Paralímpiadas às suas origens, se considerarmos que a vila britânica de Stoke Mandeville sediou as primeiras competições entre atletas com deficiência à época veteranos da Segunda Guerra Mundial, conforme registramos anteriormente.

Os Jogos de Londres também marcaram a reintegração de atletas com deficiências intelectuais ao evento esportivo (INAS-FID, 2010)¹⁶, após uma revisão do IPC sobre a proibição instaurada desde os Jogos de Atenas. Esta proibição foi uma resposta às fraudes detectadas na classificação funcional durante os Jogos de Sydney. A realização do evento trouxe reflexos positivos para a comunidade britânica de deficientes. Dados do Comitê Paralímpico Internacional (IPC) revelaram que 65% dos britânicos concordavam que as Paraolimpiadas apresentaram um avanço na forma como as pessoas com deficiência são vistas no país.

2.4.2 Jogos Paralímpicos de Verão Rio 2016 e Tóquio 2020

Os Jogos Paralímpicos Rio 2016 foram os primeiros a serem realizados na América Latina. O Brasil experimentava um momento de alta no cenário internacional, a própria vitória no processo de escolha da cidade-sede dos Jogos refletiu o cenário favorável ao Brasil,

¹⁵ <https://www.paralympic.org/london-2012>

¹⁶ <https://web.archive.org/web/20120828224149/http://www.uksportsassociation.org/news/19NewsletterJuly2010.pdf#>

que já havia sediado os Jogos Pan Americanos e Parapan-Americanos no Rio de Janeiro em 2007, bem como já tinha sido escolhido como país-sede da Copa do Mundo de Futebol, realizada em 2014.

Assim, a decisão de sediar as Olimpíadas no Rio, incluindo as Paralimpíadas, contou com amplo apoio popular. O Brasil conseguiu superar a concorrência de Chicago nos Estados Unidos, Tóquio no Japão e Madri na Espanha para sediar o maior evento multiesportivo do mundo. No entanto, como Longo (2019) destaca, os acontecimentos posteriores à eleição do Rio como cidade-sede até a realização do evento minaram o apoio popular.

Ao longo dos sete anos que separaram a eleição do Rio como sede e a Cerimônia de Abertura das Olimpíadas, em 2016, o forte apoio popular que era visto em 2009 virou um grande descontentamento por parte da população não só da cidade, como do país todo. Isso foi causado principalmente pela forte crise econômica que o Brasil atravessava, a Operação Lava Jato, que desgastou a imagem de diversos políticos que estavam diretamente ligados com a organização dos Jogos, como a presidente Dilma Rousseff e o ex-presidente Lula, e o processo que culminou no processo de impeachment de Dilma em agosto de 2016, dias após o encerramento das Olimpíadas. (LONGO, 2019, p.64).

Como efeito comparativo, Longo (2019) cita pesquisas de opinião sobre a percepção dos brasileiros a respeito do evento multidesportivo realizado em momentos distintos.

Em junho de 2013, o Instituto Datafolha divulgou uma pesquisa mostrando que 38% dos brasileiros acreditavam que os jogos seriam prejudiciais ao país e apenas 35% se diziam “muito interessados pelos jogos”. Ao refazer a pesquisa em 2016, o percentual de pessoas que acreditavam que os jogos seriam prejudiciais havia saltado para 63%, enquanto os muito interessados, caído para 16%. (LONGO, 2019, p.64-65).

Essa mudança notável na opinião pública reflete os desafios e controvérsias que surgiram no período que antecedeu os jogos, minando o apoio popular inicial.

Em 2020, a cidade de Tóquio receberia os Jogos Paralímpicos pela segunda vez em toda a história, pois em 1964 também havia sediado o evento. Para conquistar o direito de sediar os Jogos mais uma vez, a capital japonesa superou a concorrência de outras duas candidaturas finalistas - Istambul (Turquia) e Madrid (Espanha). A eleição do COI para a escolha definitiva foi realizada em 7 de setembro de 2013 na 125ª Sessão do Comitê Olímpico Internacional, em Buenos Aires, capital da Argentina. Com isso, as Paralimpíadas foram programadas para serem realizadas entre os dias 25 de agosto e 6 de setembro de 2020, no entanto, a decretação do estado de pandemia global, emitida em 11 de março de 2020 pela OMS, por conta da Covid-19 atingiu também o esporte. Diante das incertezas a respeito do então desconhecido vírus, o COI decidiu, no dia 24 de março de 2020, adiar a realização do

evento dos Jogos Paralímpicos¹⁷.

No cenário de pandemia do novo coronavírus, o contexto para a realização das Olimpíadas e Paralimpíadas tornou-se desafiador. Por outro lado, os esforços científicos providenciaram vacinas contra a Covid-19, viabilizando a realização dos Jogos à medida em que os atletas e demais envolvidos no evento estivessem vacinados - mesmo que a pandemia não estivesse sob controle. No Brasil, os atletas com deficiência que participaram das Paralimpíadas foram incluídos no grupo prioritário de vacinação¹⁸ a fim de possibilitar a participação desses nos Jogos de Tóquio. Dessa forma, os Jogos Paralímpicos foram reprogramados para os dias 24 de agosto e 5 de setembro de 2021¹⁹, e apesar da mudança de ano, a nomenclatura *Tokyo 2020 Paralympic Games* permaneceu.

Até o surgimento da pandemia da Covid-19, a previsão era de que os Jogos Olímpicos de Tóquio fossem os mais lucrativos em toda a história. Um estudo do *Nomura Research Institute* (NRI) estimou que, sem as restrições provocadas pelo novo coronavírus, principalmente no que se refere à presença de público, os ganhos econômicos do país asiático com a realização dos Jogos poderiam chegar a cerca de US\$ 17,8 bilhões, de acordo com o instituto japonês²⁰.

Todavia, o relatório financeiro oficial do Comitê Organizador dos Jogos Olímpicos e Paralímpicos de Tóquio²¹ apontou uma receita financeira de US\$ 5,8 bilhões^{22*} produzida pela realização das Olimpíadas. Por outro lado, os gastos totais para a realização dos Jogos de Tóquio foram orçados em torno de US\$ 13,0 bilhões*, divididos entre o Governo do Japão e o Governo Metropolitano de Tóquio. Diante disso, indiscutivelmente não houveram impactos positivos ao Japão no que se refere à economia com a realização dos Jogos. A principal razão, de fato, foi o aparecimento da Covid-19.

Embora as expectativas tenham sido frustradas no âmbito econômico, a realização dos Jogos Paralímpicos de Tóquio corresponderam ao esperado como meio para a promoção da

¹⁷

<https://ge.globo.com/olimpiadas/coronavirus/noticia/olimpiadas-e-paralimpiadas-de-toquio-2020-sao-adiadas.ghlml>

¹⁸

<https://midianinja.org/ninjaesportecolube/todos-os-atletas-paralimpicos-irao-disputar-provas-vacinados-contra-a-covid-19/>

¹⁹

<https://www.cbdv.org.br/imprensa/noticias/coi-remarca-jogos-paralimpicos-de-toquio-para-24-de-agosto-de-2021>

²⁰

<https://www.poder360.com.br/economia/sem-publico-olimpiadas-de-toquio-perdem-quase-us-3-bilhoes/>

²¹ <https://www.paralympic.org/news/tokyo-2020-announces-its-financial-results>

²² Taxa de câmbio baseada em JPY/USD de 109,89, publicada no site do Banco do Japão como a "taxa central" média no ano de 2021.

inclusão e melhor qualidade de vida à comunidade de deficientes no Japão. Em vista disso, Frost (2021)²³ destaca que:

(...) os Jogos de Tóquio ofereceram ao IPC um modelo para o potencial de conscientização das Paralimpíadas. Os meios de comunicação japoneses complementavam regularmente sua crescente cobertura do esporte paralímpico com histórias sobre as experiências de cidadãos comuns que vivem no Japão com deficiência. Discussões sobre políticas de deficiência, uso de linguagem, discriminação e acessibilidade ocorreram em editoriais de jornais, bate-papos online, programação de televisão e salas de aula escolares. (FROST, 2021, tradução nossa)²⁴.

Além das discussões sobre o tema na opinião pública, ações governamentais com vistas a aperfeiçoar a acessibilidade no Japão ganharam força sob o impulso das Paralimpíadas. É o caso da implementação da política “livre de barreiras”, a fim de obrigar a disponibilização por hotéis de quartos e banheiros com vias de espaço suficiente para qualquer tipo de cadeiras de rodas. Adaptações do ponto de vista estrutural também foram exigidas para a rede de trens do Japão (FROST, 2021). Portanto, é perceptível que houve algum grau de contribuição dos Jogos Paralímpicos ao Japão no que diz respeito a melhorias no aspecto da acessibilidade para a comunidade de deficientes do Japão.

Depois da exposição referente à historiografia dos Jogos Paralímpicos, abordaremos a trajetória do esporte paralímpico no Brasil, e, conseqüentemente, a concretização do Brasil como uma potência paralímpica.

2.4.3 Brasil, uma potência paralímpica

O Movimento Paralímpico surgiu no Brasil em 1958, a partir da fundação do Clube do Otimismo, formalizada em 1º de abril de 1958, no Rio de Janeiro, sob a liderança do paratleta Robson Sampaio de Almeida e do técnico Aldo Miccolis, precursores do movimento. Robson Sampaio de Almeida descobriu o esporte paralímpico nos Estados Unidos, quando viajou ao país da América do Norte em busca de tratamento médico para lesões medulares que possuía (SOUZA, 2019)²⁵. Posteriormente, outras organizações de atletas com deficiência foram emergindo no cenário do Movimento Paralímpico, como o Clube dos Paraplégicos, fundado em São Paulo no dia 28 de julho de 1958 (data que marcava os 10 anos dos Jogos de Stoke

²³ <https://olympicanalysis.org/section-1/lessons-from-tokyo-the-impact-of-the-paralympics-in-japan/>

²⁴ No original: “Tokyo’s Games have indeed offered the IPC a model for the awareness-raising potential of the Paralympics. Japanese media outlets regularly complemented their growing coverage of disability sports with stories about the experiences of average citizens living in Japan with disabilities. Discussions about disability policies, language usage, discrimination, and accessibility occurred in newspaper editorials, online chats, television programming, and school classrooms.”

²⁵

Mandeville) por Sérgio Seraphin Del Grande, atleta do basquete em cadeira de rodas. Inclusive, a primeira disputa oficial do esporte paralímpico no Brasil foi justamente no basquete em cadeira de rodas²⁶ entre cariocas e paulistas, que lideravam o processo de implementação do esporte paralímpico em solo nacional - os cariocas venceram a série de três jogos por 2 a 1 em cima dos paulistas (SOUZA, 2019). Dessa forma, tais ações foram os primeiros movimentos em direção ao estabelecimento do esporte paralímpico no Brasil.

A solidificação do Brasil no esporte paralímpico avançou paulatinamente. No ano de 1969, a delegação brasileira estreou em competições internacionais, na disputa do 2º Jogos Pan-Americanos, realizados em Buenos Aires, na Argentina. Por sua vez, a estreia em Jogos Paralímpicos viria a se concretizar na cidade de Heidelberg, em 1972, representada por 10 atletas. Como a participação internacional tornou-se algo mais comum, surgiu a necessidade de uma centralização em termos organizacionais. Isso ficou evidente em 1975, nos Jogos Panamericanos de Pessoas com Deficiências Física no México, conforme registra Souza (2019).

Nesses Jogos, o Brasil foi representado por duas delegações, uma paulista e outra carioca. Esse fato desencadeou uma exigência da Federação dos Jogos Internacionais de Stoke Mandeville sobre a obrigatoriedade da formação de um órgão representativo nacional do esporte praticado pelas pessoas com deficiência. Desse modo, surgiu em 18 de agosto de 1975, a Associação Nacional de Desporto de Deficientes - ANDE. (SOUZA, 2019, p.28-29).

Sob esta nova estrutura organizacional, o Brasil enviou 23 atletas com deficiência, incluindo mulheres, para a disputa dos Jogos de Toronto, realizados no ano seguinte à criação da Associação Nacional de Desporto de Deficientes (ANDE). Nesta edição, a delegação brasileira conquistou a primeira medalha paralímpica - medalha de prata - com os atletas Robson Sampaio de Almeida e Luiz Carlos, o “Curtinho”, na modalidade lawn bowls²⁷, presente no programa esportivo até Atlanta 1996.

O progressivo avanço do Movimento Paralímpico brasileiro fez com que surgissem outras organizações direcionadas a atletas com deficiência. Este fenômeno ocorreu em especial entre os anos 1980 e 1990. Em vista disso, destacam-se a Associação Brasileira de Desporto para Cegos (ABDC) e a Associação Brasileira de Desporto em Cadeira de Rodas (ABRADECAR), fundadas em 1984. Adiante, também surgiram a Associação Brasileira de Desporto de Deficientes Mentais (Abdem), em 1989, e a Associação Brasileira de Desportos para Amputados (ABDA), em 1990.

²⁶ <https://www.cpb.org.br/conteudo/detalhe/3/historia>

²⁷ O jogo consiste em rolar bolas assimétricas radialmente (chamadas de bolas de bocha) em direção ao alvo de uma bola branca menor (chamada de Jack).

Todavia, bem como ocorreu 1975 com a criação da ANDE, que marcou um novo momento do esporte paralímpico, do ponto de vista organizacional, isto viria com ainda mais força a partir de 1989. conforme aponta Souza (2019).

A partir da fundação do Comitê Paralímpico Internacional (IPC) em 22 de setembro de 1989, surgiu uma tendência mundial para a criação de Comitês Paralímpicos Nacionais, os chamados *National Paralympic Committees* (NPCs). Com a realização dos Jogos de Barcelona em 1992, a formação dos NPCs já se tornava urgente: o IPC precisava ter como filiadas as entidades que possuísem representatividade em nível nacional e que agregassem modalidades para pessoas com todos os tipos de deficiência.

Portanto, a partir de 1993, a ideia de se criar um Comitê Paralímpico no Brasil começou a tomar corpo. Os representantes da ABRADACAR, ABDA, ABDC, ANDE e ABDEM debateram a criação do NPC brasileiro. Em decisão conjunta, no dia 9 de fevereiro de 1995, foi fundado o Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB), com sede na cidade de Niterói, no Rio de Janeiro. (SOUZA, 2019, p.30-31).

A criação do Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB) estabeleceu-o como órgão máximo e o tornou condutor do esporte paralímpico em termos organizacionais, ao passo em que as medidas de estímulo à prática esportiva por pessoas com deficiência, bem como a divulgação do esporte paralímpico e principalmente na organização das competições esportivas ficou sob a responsabilidade do CPB. O CPB exerce ainda o papel de representar o Brasil perante ao cenário do Movimento Paralímpico Internacional, por meio do IPC.

O primeiro grande evento esportivo organizado pelo CPB, foram os 1º Jogos Brasileiros Paradesportivos, em Goiânia, realizados em 1995. A instituição, além de liderar a organização dos principais torneios paralímpicos no Brasil, também organiza o envio de delegações de atletas para competições internacionais, como os Jogos Paralímpicos.

A primeira delegação brasileira enviada para as Paralímpiadas sob gestão do CPB foi nos Jogos de Atlanta com 60 atletas. Foram conquistadas 21 medalhas - 2 de ouro, 6 de prata e 13 de bronze - desempenho que fez o Brasil ocupar a 37ª posição geral.

Nesse processo de afirmação e desenvolvimento do esporte paralímpico no Brasil, o Estado brasileiro não se absteve de oferecer algum grau de contribuição. A participação se deu por meio de leis que buscavam direcionar investimentos ao esporte paralímpico. A legislação mais notável em prol do paradesporto foi a “Lei Agnelo/Piva” (BRASIL, 2001).

A lei nº 10.264, sancionada em 16 de julho de 2001 pelo presidente Fernando Henrique Cardoso, também conhecida como Lei Agnelo/Piva, modificou a questão do financiamento do esporte olímpico e paralímpico, de modo a estabelecer uma fonte de receita permanente ao Comitê Olímpico Brasileiro (COB), responsável pelo esporte olímpico, e ao CPB, responsável pelo esporte paralímpico. Desse modo, 2% do valor arrecadado com loterias federais passaram a ser direcionados a tais entidades para o

desenvolvimento do esporte. Da totalização, 85% eram direcionados ao COB, enquanto 15% iam para o CPB (REIS, 2014).

Houve um aumento no repasse ao CPB após a sanção do Estatuto da Pessoa com Deficiência (BRASIL, 2015) pela presidente Dilma Rousseff. Dessa forma, o valor repassado aos comitês subiu para 2,7%, de modo que o CPB aumentou sua arrecadação de 15% para 37.4% ,mais que o dobro²⁸.

Com o incremento nos valores, estipulou-se a obrigatoriedade de que 10% do montante fosse aplicado no esporte escolar e de 5% no esporte universitário para fins de desenvolvimento do paradesporto. Em relação a maior parte dos recursos, 85% são direcionados ao custeio da engrenagem do esporte paralímpico - de recursos humanos do CPB até a locomoção para a participação de atletas em eventos esportivos ou a promoção de competições no Brasil.

O esporte paralímpico é dependente do financiamento público, principalmente da Lei Agnelo/Piva, embora haja também financiamento privado, ele representa uma pequena parcela. Observemos na tabela a seguir a divisão da receita do Comitê Paralímpico Brasileiro no ano de 2021:

Tabela 1 – Receita do Comitê Paralímpico Brasileiro no ano de 2021.

Fonte de Receita	Valor (R\$)	Porcentagem (%)
Lei nº 10.264/2001 (Lei Agnelo/Piva)	R\$ 175.210.901,96	90,76%
Receitas de Patrocínio	R\$ 14.358.449,13	7,44%
Receitas Operacionais	R\$ 28.092,70	0,01%
Outras Receitas	R\$ 3.441.542,37	1,78%
Total	R\$ 193.038.986,16	100%

Fonte: elaborado pelo autor com dados oficiais do CPB (2022)

A partir dos dados acima expostos fica evidente que a principal fonte de receita do CPB de fato é a Lei Agnelo/Piva, de modo que, se considerado o balanço financeiro do ano de

²⁸ <http://rededoesporte.gov.br/pt-br/incentivo-ao-esporte/lei-agnelo-piva>

2021, nota-se que as demais fontes de receita não representam 10% do total. Com isso, é constatado que a Lei Agnelo/Piva vigora como um instrumento fundamental no desenvolvimento do esporte paralímpico.

Ao longo da trajetória do esporte paralímpico no Brasil, observamos que a construção coletiva foi imprescindível em prol do paradesporto, isso desde o surgimento por meio da fundação do Clube do Otimismo, no Rio de Janeiro, e do Clube dos Paraplégicos, em São Paulo, no ano de 1958 à elaboração da Lei Agnelo/Piva. Desse modo, o Brasil tornou-se potência no esporte paralímpico, o investimento do Estado brasileiro refletiu em bons resultados em Jogos Paralímpicos de Verão, conforme demonstra o tabela a seguir:

Tabela 2 – Desempenho do Brasil em cada edição dos Jogos Paralímpicos.

Edição	Ouro	Prata	Bronze	Total de Medalhas	Posição	Atletas
1972 Heidelberg	0	0	0	0	-	8
1976 Toronto	0	1	0	1	31	23
1980 Anrhem	0	0	0	0	-	2
1984 Stoke Mandeville/Nova Iorque	7	17	4	28	24	30
1988 Seul	4	9	14	27	25	59
1992 Barcelona	3	0	4	7	27	41
1996 Atlanta	2	5	13	21	37	60
2000 Sydney	6	10	6	22	24	64
2004 Atenas	14	12	7	33	14	96
2008 Pequim	16	14	17	47	9	187
2012 Londres	21	14	8	43	7	181
2016 Rio de Janeiro	14	29	29	72	8	285
2020 Tóquio	22	20	30	72	7	253

Fonte: elaborado pelo autor com dados oficiais do CPB (2022).

A partir dos números referentes às participações da delegação brasileira nos Jogos Paralímpicos de Verão apresentados na tabela acima, é possível perceber uma correlação entre o investimento e a evolução nos resultados obtidos nos Jogos. Evidentemente não é correto relacionar apenas a este aspecto tais resultados, no entanto, muito menos pode-se ignorá-lo. A

lei, promulgada em 2001, certamente, contribuiu para criar condições estruturais favoráveis aos ciclos de Paralimpíadas seguintes, começando por Atenas 2004. À capital da Grécia, o Brasil classificou o maior número de atletas em toda sua história para os Jogos Paralímpicos de Verão (foram 96). O país alcançou o melhor desempenho na competição até então. Foram 33 medalhas conquistadas - 14 de ouro, 12 de prata e 7 de bronze. A partir dos Jogos de Pequim, em 2008, por exemplo, o Time Brasil sempre esteve, pelo menos, entre os 10 melhores colocados na classificação geral.

Outro aspecto observado com base nos números da tabela acima está relacionado ao aumento progressivo da delegação brasileira nos Jogos Paralímpicos de Verão. Comparando os Jogos de Sydney, realizados em 2000, e os Jogos de Atenas, realizados em 2004, é possível identificar um aumento de 50% no número de atletas qualificados para o evento em várias modalidades - de 64 em Sydney para 96 em Atenas. Posteriormente, em Pequim 2008, a delegação brasileira contou com 187 atletas. Na edição do Rio de Janeiro, realizada em 2016, quando o Brasil sediou o evento, esse número foi de 285 atletas com deficiência representando o Time Brasil nos Jogos. A delegação enviada a Tóquio também foi expressiva - 253 atletas, sendo a maior delegação já enviada pelo Brasil a outro país para uma Paralimpíada, superando a de Pequim, em 2008.

Com isso, a relação entre o investimento público no esporte paralímpico e os resultados obtidos posteriormente nos Jogos Paralímpicos de Verão não deve ser vista como mera coincidência. Observa-se que, desde que a Lei Agnelo/Piva entrou em vigor, houve um padrão de melhoria constante nos resultados do Time Brasil nas Paralimpíadas. E, como mencionamos anteriormente neste tópico, como há a exigência de que 10% do valor total seja aplicado no esporte escolar e 5% no esporte universitário para fins de desenvolvimento do paradesporto, é certo que esse direcionamento de recursos auxilia no desenvolvimento de novos atletas com deficiência de alto rendimento, visando à manutenção desse padrão de resultados esportivos.

Em seguida, discutiremos a relação dos Jogos com a mídia, em especial a TV, sobretudo, no Brasil.

3 JOGOS PARALÍMPICOS DE VERÃO E A MÍDIA

A midiaticização é impreterível aos eventos esportivos na contemporaneidade, à medida que estes, com a finalidade de gerar lucros, tornam-se grandes espetáculos midiáticos, sobretudo a partir da televisão. Todavia, o preconceito relacionado às potencialidades das pessoas com deficiência impacta diretamente na exposição dos Jogos Paralímpicos de Verão, conforme discutiremos ao longo deste tópico. Historicamente, as Paralimpíadas conviveram com dificuldades no que se refere à exposição midiática. Algum tipo de cobertura dos Jogos passou a existir a partir da edição de 1964, em Tóquio, quando emissoras de rádio e televisão do Japão cobriram o evento, embora não haja registros de quais provas ou modalidades tiveram cobertura noticiada (BARRETO, 2016). Quanto à televisão, o primeiro grande passo relacionado às Paralimpíadas se deu nos Jogos de Seul, em 1988:

A partir da edição de Seul-1988, a mídia ampliou sua cobertura e espectadores do mundo todo puderam acompanhar algumas provas pela televisão (FERRAZ, 2006). As edições seguintes mostraram que os JP pareciam estar adquirindo características de espetáculo esportivo, como no caso de Barcelona-1992, em que a cerimônia de abertura, reuniu mais de 65.000 pessoas e várias emissoras de televisão transmitiram ao vivo algumas competições (FERRAZ, 2006). Já em Atlanta-1996, trinta e cinco emissoras de rádio e TV compraram os direitos de transmissão do evento (MARQUES et al, 2015) o que impactou no aumento do tempo de cobertura por emissoras de televisão (IPC, 2018) (SILVA, 2018, p.32-33).

Adiante, os Jogos de Sydney, em 2000, estabeleceram avanços na relação entre Jogos Paralímpicos e mídia: a distribuição e transmissão do evento foram estruturadas para mais de 25 países. Além disso, foi a primeira vez que os Jogos foram disponibilizados em transmissões na internet, por meio de *streaming* de vídeo e site oficial do IPC, que obteve mais de 300 milhões de acessos durante o período de realização do evento. No total, foram mais de 100 horas da competição disponibilizadas ao vivo (SILVA, 2018). As edições subsequentes seguiram a tendência de oferecer maior exposição midiática aos Jogos Paralímpicos.

Na edição de Atenas, em 2004, foram 617 horas de transmissão ao vivo dos Jogos para 25 países em várias partes do mundo. Nos Jogos de Pequim, em 2008, a cobertura midiática por meio da televisão e da internet foi ampliada, de modo que foi estabelecido um recorde na distribuição do evento ao alcançar 80 países por meio de 64 redes de TV. Na internet, o IPC transmitiu competições dos Jogos pelo canal oficial na plataforma YouTube pela primeira vez.

Uma nova etapa no processo de midiaticização ocorreu a partir dos Jogos de Londres, em 2012. Nesta edição, a distribuição e as horas de transmissão ao vivo foram as maiores da história, com 115 países recebendo as competições por meio da TV e um crescimento de 82%

em relação às horas do evento transmitidas, o que corresponde a mais de 2.500 horas de conteúdo dos Jogos Paralímpicos de 2012 exibidos globalmente. Na TV britânica, houve a maior cobertura de uma Paralimpíada em TV aberta do país, com 150 horas de programação dedicadas ao evento pelo *Channel 4*, canal de TV britânico.

Segundo o IPC, a programação dedicada aos Jogos de Londres transmitida pelo *Channel 4* alcançou 39,9 milhões de pessoas, o que representa mais de 69% da população do Reino Unido. Dessa forma, alinhada às questões de distribuição e exposição dos Jogos, a audiência internacional acompanhou uma tendência de alta, conforme aponta Cardozo (2015).

Segundo o IPC, a edição de 2012 dos Jogos Paralímpicos atingiu 3,8 bilhões de espectadores em todo o mundo – a mesma audiência atingida nos Jogos de Pequim 2008, realizados em um país com quase 1,5 bilhão de habitantes. Excluindo a população dos países-sede, o aumento da audiência internacional foi da ordem de 1 bilhão de espectadores: de 2,4 bilhões em Pequim 2008 para 3,4 bilhões em Londres 2012. (CARDOZO, 2015, p.17-18).

Tais números auxiliaram a posicionar os Jogos de Londres como os maiores da história até então, de modo que o legado da edição, também referente aos aspectos de mídia, seria estendido às edições posteriores. O elemento do universo on-line também aparece com mais força a partir de Londres 2012. De acordo com o IPC, houve 1,3 milhão de menções ao termo '*Paralympic*' no Twitter, 25 milhões de pessoas visitaram o site oficial de Londres 2012 e mais de 5,8 milhões de pessoas baixaram o aplicativo oficial.

Por sua vez, os Jogos Paralímpicos de 2016, realizados no Rio de Janeiro, seguiram a tendência crescente do evento em termos de mídia e tiveram transmissão para 154 países em canais de TV, rádio ou internet e atingiram mais de 4,1 bilhões de telespectadores acumulados globalmente. Conforme em Londres 2012, a internet respondeu, por meio das redes sociais e site oficial, proporcional ao ganho de importância do meio. De acordo com o IPC, os Jogos do Rio engajaram mais de 1 bilhão de pessoas nas mídias digitais. O site oficial dos Jogos Rio 2016 obteve quase o dobro de acessos em comparação com Londres 2012. A plataforma foi a responsável por exibir disputas em 13 esportes e disponibilizou resultados de todas as modalidades esportivas²⁹.

Os Jogos de Tóquio alcançaram índices inéditos em termos de cobertura global e audiência na história das Paralimpíadas. Foram mais de 177 países que receberam os sinais das competições de Tóquio 2020 através de 150 canais de meios de comunicação (TV, rádio ou internet) no mundo. A NHK, rede de TV pública do Japão, ofereceu a maior cobertura da história dos Jogos por um canal de TV do país anfitrião em termos de horas transmitidas, com

²⁹ <https://www.paralympic.org/rio-2016>

540 horas de transmissões, número superior às 500 horas oferecidas pelo canal britânico *Channel 4* em Londres.

Embora não tenha divulgado um relatório oficial com os resultados de mídia após a finalização das Paralimpiadas de Tóquio, o IPC estimou, com base na distribuição global do evento, que a audiência acumulada atingiria mais de 4,25 bilhões de pessoas em todo o mundo. Isso significa que corresponderia à maior audiência da história dos Jogos Paralímpicos.

Ainda no aspecto midiático, os Jogos de Tóquio se destacaram nos meios digitais. Conforme apontam Pullen, Mora, Silk (2021)³⁰.

Juntamente com a transmissão ao vivo de eventos paralímpicos em plataformas como YouTube e Facebook, o IPC ficou à frente da tendência quando se trata de experiência digital e interação do público - envolvendo os espectadores por meio de conteúdo extra em aplicativos de mídia social, como Snapchat, Instagram e TikTok, além de lançar seu próprio aplicativo móvel paralímpico que forneceu acesso a transmissões ao vivo com vários recursos interativos. (PULLEN; MORA; SILK, 2021, tradução nossa)³¹.

Com isso, observa-se que, paulatinamente, a cada edição - de Sydney 2000 à Tóquio 2020 - os Jogos Paralímpicos conquistaram um espaço maior nos meios de comunicação, e conforme visto, a partir da edição de Londres 2012, houve também a compreensão relacionada às mudanças dos hábitos de consumo de conteúdo. Isso porque as mídias digitais ganharam um maior protagonismo, de modo em que o trabalho de comunicação do IPC buscou acompanhar este processo, com medidas como a disponibilização de transmissões ao vivo em plataformas de *streaming* de vídeo ou na produção de conteúdo para as redes sociais.

Contudo, os Jogos Paralímpicos ainda são tratados como um evento de segunda classe, conforme aponta Hilgemberg (2021)³².

(...) os Jogos Paralímpicos e os atletas recebem significativamente menos cobertura do que seus homólogos e essa cobertura é estereotipada, podemos concluir que os Jogos Paralímpicos são vistos como um evento de segunda classe pela mídia. (HILGEMBERG, 2021, tradução nossa)³³.

Para tanto, basta examinarmos o histórico da relação da imprensa com os Jogos

³⁰

<https://olympicanalysis.org/section-3/the-media-coverage-of-the-tokyo-2021-paralympic-games-visibility-progress-and-politics-2/>

³¹ No original: "Alongside live streaming of Paralympic events on platforms such as YouTube and Facebook, the IPC have stayed ahead of the trend when it comes to digital experience and audience interaction – engaging viewers through extra content on social media apps such as Snapchat, Instagram and TikTok in addition to launching their very own Paralympic mobile app which provided access to live streams with various interactive features."

³² <https://olympicanalysis.org/section-2/is-the-paralympic-games-a-second-class-event/>

³³ No original "so when the Paralympic Games and athletes received significantly less coverage than their counterparts and this coverage is stereotyped, we can conclude that the Paralympic Games is seen as a second-class event by the media."

Paralímpicos, sobretudo, a comercial, que exerce maior influência perante a sociedade brasileira. A primeira Paralimpíada em que o público brasileiro teve acesso a imagens, muito embora não fosse ao vivo, foi a de Atlanta 1996, pois o CPB adquiriu os direitos de transmissão, dessa forma, imagens foram disponibilizadas para redes de TV que desejassem fazer uso em determinados horários (MIRANDA, 2011).

O CPB convidou também para cobrir os jogos de Atlanta 4 jornais – O Globo (RJ), O Estado de S. Paulo (SP), O Correio Braziliense (DF) e o Fluminense (RJ) – e levou dois jornalistas e dois fotógrafos que geravam textos e imagens transmitidos e distribuídos para 100 jornais do Brasil todo. (MIRANDA, 2011, p.46).

Desse modo, observa-se que o esporte paralímpico brasileiro não obteve a priori uma mídia espontânea, ao passo em que restou ao CPB estimular a mídia brasileira a entrar neste espaço, por meio da compra de direitos de transmissão, custeio dos repórteres enviados por jornais, TVs e rádios, mesmo as comerciais. Tal prática em maior ou menor grau vigorou pelo menos até Londres 2012. A partir dos Jogos de Londres não foi mais necessária a aquisição dos direitos de transmissão, pois a TV Globo realizou-a³⁴.

No entanto, a prática de convite e consequentemente, custeio (passagem, hospedagem, traslado hotel-aeroporto e diária de viagem) a cobertura dos jornalistas e veículos convidados ainda foi aplicada durante a Paralimpíada de 2012. Em 2004, além da geração e produção de transmissões ao vivo, por meio da contratação de uma produtora de vídeo, a Íntegra Produções, o CPB convidou 18 veículos de comunicação entre redes de TV, rádios e jornais para cobrir o evento. Na edição de Pequim, realizada em 2008, nove jornalistas de sete veículos de imprensa foram convidados. Em Londres 2012, houve o convite e custeio a 14 veículos de comunicação para a cobertura dos Jogos (HILGEMBERG, 2017). A autora destaca ainda que:

Se por um lado essa parece ser uma boa estratégia para ampliar a divulgação dos Jogos Paralímpicos, por outro pode criar um jornalismo preguiçoso que recebe informações “na mão” e que não parte para o garimpo de histórias novas, para a investigação de fatos, a contraposição de opiniões resultando em notícias rasas e fórmulas prontas. (HILGEMBERG, 2017, p.10).

Na Paralimpíada do Rio, em 2016, o Brasil evidentemente foi sede. Diante disso, a imprensa brasileira teve a oportunidade de se reposicionar, todavia, a partir de dados relacionados a Rio 2016 na mídia brasileira, é possível afirmar que esta ocasião não foi aproveitada para este fim, sobretudo, na televisão comercial. O Grupo Globo, detentor dos direitos de transmissão, na TV aberta, por meio da TV Globo, não exibiu nenhum evento ao

³⁴

<https://olimpiadas.uol.com.br/noticias/redacao/2012/01/05/globo-compra-direitos-da-paralimpiada-2012-e-estuda-transmitir-eventos-ao-vivo.htm>

vivo da competição. Limitou-se a um programa diário, exibido na madrugada com resumo de informações e imagens (melhores momentos) do dia de competições. Demais emissoras de TV, como SBT, RecordTV e Band tiveram discreta cobertura jornalística.

Por outro lado, restringido a um público menor, o SporTV, canal pago dedicado aos esportes, ofereceu 150 horas de cobertura³⁵. O número é bem inferior ao dos Jogos Olímpicos, que tiveram 4 canais dedicados 24 horas à cobertura dos Jogos Olímpicos e outros 12 canais disponíveis com eventos. Na internet, foram 40 sinais disponíveis através do aplicativo da emissora. Foi considerada a maior cobertura de um evento esportivo na televisão brasileira³⁶.

Por outro lado, a TV Globo realizou a sua maior cobertura de Jogos Olímpicos na televisão aberta durante o evento no Rio, dedicando 160 horas de programação à cobertura do evento multiesportivo.³⁷ Evidentemente, cenário diferente dos Jogos Paralímpicos, o qual teve sua cobertura apenas em noticiários ou programas esportivos da emissora, sem nenhuma competição transmitida ao vivo.

Nos Jogos de Tóquio foram apresentados alguns avanços no que diz respeito à cobertura midiática por parte da TV comercial no Brasil. Embora ainda haja uma distância considerável em relação às horas dedicadas à transmissão do evento quando comparadas aos Jogos Olímpicos. Nessa perspectiva, Hilgemberg (2021) constata que:

O SporTV, principal canal brasileiro de TV paga, responsável pela transmissão de ambos os eventos tinha quatro canais diferentes totalmente dedicados aos Jogos Olímpicos, e ofereciam mais de 840 horas de transmissão. Durante os Jogos Paralímpicos apenas um canal foi responsável pela transmissão, com pouco mais de 100 horas dedicadas à transmissão ao vivo dos 20 esportes onde havia brasileiros competindo. (HILGEMBERG, 2021³⁸, tradução nossa)³⁹.

A diferença de horas transmitidas ao vivo entre as Olimpíadas e Paralimpíadas no SporTV, canal de TV por assinatura do Grupo Globo, corresponde a um tempo cerca de 89% menor. Enquanto as Paralimpíadas tiveram pouco mais de 100 horas de transmissão de eventos ao vivo, as Olimpíadas obtiveram um espaço de mais de 840 horas, isto em um canal

³⁵

<http://olimpiadas.uol.com.br/noticias/redacao/2016/09/02/sportv-tera-4-canal-e-150-horas-de-cobertura-de-parao-olimpiada.htm>

³⁶

<http://sportv.globo.com/site/programas/rio-2016/noticia/2016/07/sportv-entrega-maior-cobertura-dos-jogos-olimpicos-rio-2016.html>

³⁷

<http://redeglobo.globo.com/novidades/noticia/2016/08/jogos-olimpicos-globo-da-inicio-cobertura-multiplataforma-historica.html>

³⁸ <https://olympicanalysis.org/section-2/is-the-paralympic-games-a-second-class-event/>

³⁹ No original: “SporTV, the Brazilian main channel on paid TV, responsible for broadcasting both events had four different channels completely dedicated to the Olympic Games, and they offered more than 840 hours of broadcast. During the Paralympic Games only one channel was responsible for the transmission, with a little bit more than 100 hours dedicated to live streaming the 20 sports where there were Brazilians competing.”

segmentado para a cobertura de esportes.

Embora pequeno, houve um avanço na publicização dos Jogos Paralímpicos na TV aberta comercial do Brasil. Os Jogos de Tóquio ocasionaram a primeira transmissão ao vivo de paradesporto numa emissora de televisão comercial no Brasil, dado que a TV Globo realizou a transmissão ao vivo de dois jogos de futebol de 5, a semifinal e a grande final paralímpica, quando o Brasil conquistou o pentacampeonato paralímpico. Desse modo, foram as primeiras e até então únicas transmissões de eventos do torneio multidesportivo na TV aberta comercial. Não obstante, a cobertura da TV Globo, detentora dos direitos de exibição dos Jogos, foi de predominância dos boletins diários na madrugada e reportagens em telejornais e noticiários esportivos da emissora.

A partir disso, observa-se um cenário de desprestígio do esporte paralímpico na TV aberta comercial: aspectos meramente comerciais não explicam ou não são a causalidade do fenômeno por inteiro. Discutiremos no próximo tópico de que forma os atletas paralímpicos são abordados pela mídia.

4 ATLETAS PARALÍMPICOS E A MÍDIA

Os Jogos Paralímpicos são a grande vitrine para atletas com deficiência, apesar dos problemas já aqui apontados quanto à cobertura da imprensa. Para aprofundarmos nisso, é importante observarmos como são representados midiaticamente os atletas, uma vez que as narrativas utilizadas reverberam socialmente no que diz respeito à percepção da sociedade.

Ainda que as redes sociais estejam em constante crescimento, a televisão continua a desempenhar um papel fundamental como meio de comunicação de influência na disseminação de representações de identidades nacionais, culturais e locais, conforme discute Lima (2004). No entanto, essas representações muitas vezes são inadequadas e originam estereótipos prejudiciais para diversos grupos sociais. Diante disso, Freire Filho (2004) menciona que:

(...) os estereótipos, a exemplo de outras categorias, atuam como uma forma de impor um sentido de organização ao mundo social; a diferença básica, contudo, é que os estereótipos ambicionam impedir qualquer flexibilidade de pensamento na apreensão, avaliação ou comunicação de uma realidade ou alteridade, em prol da manutenção e da reprodução das relações de poder, desigualdade e exploração; da justificação e da racionalização de comportamentos hostis e, in extremis, letais. (FREIRE FILHO, 2004, p. 47).

Assim, adentramos a discussão de que a imprensa habituou-se a determinar quadros narrativos que vão do “coitado” ao “super herói” na abordagem com pessoas com deficiência, e que posteriormente, atinge também os atletas, no sentido de que os feitos desportivos desses sujeitos, que neste contexto, são principalmente atletas de alto rendimento ficam em segundo plano. Além do “coitado” e do “super herói”, discutiremos a seguir as narrativas da “infantilização” e da “trivialização”.

A narrativa do “*supercrip*” (explicação abaixo) se manifesta quando as produções sobre atletas com deficiência enfatizam a superação de suas limitações. Esses atletas são retratados como heróis que, mesmo com as adversidades relacionadas às suas deficiências, conseguem vencer obstáculos e alcançar conquistas notáveis (HARDIN; HARDIN, 2004; SILVA; HOWE, 2012 *apud* POFFO *et al.* 2021, p.1355). Conforme destaca (MARQUES, 2016):

Essa abordagem caracteriza-se como um processo estereotipado de divulgação do atleta com deficiência, que minimiza os resultados competitivos e feitos atléticos, destacando o esportista como um herói que, mesmo com as limitações que lhe são impostas, supera-as e consegue feitos extraordinários (Silva & Howe, 2012). Ou seja, o *supercrip* caracteriza-se como um discurso que atribui ao atleta paralímpico valores mais ligados à deficiência e à superação de suas dificuldades do que aos seus feitos esportivos. (MARQUES, 2016, p.93).

Já a "infantilização" acontece quando os atletas são representados como seres dependentes e vulneráveis (DE LÉSÉLEUC; PAPPOUS; MARCELLINI, 2010; DUNCAN, 2006 *apud* POFFO *et al.* 2021). Este pode atingir mais comumente pessoas com nanismo ou mulheres (no uso de termos como "menina" e/ou "garota" para se referir a elas). A "vitimização" ocorre quando os atletas são mostrados como vítimas de suas limitações (FIGUEIREDO, 2014; HARDIN; HARDIN, 2004; MARQUES *et al.*, 2014; SCHELL; DUNCAN, 1999 *apud* POFFO *et al.* 2021). Essa perspectiva reforça o conceito do "coitadinho", que se concentra nos aspectos negativos e nas tragédias pessoais dos atletas, identificando-os por suas deficiências (HILGEMBERG, 2014). Essa abordagem pode gerar sentimentos de piedade e compaixão pelos atletas.

Por fim, a "trivialização" acontece quando as notícias não destacam as conquistas esportivas dos atletas ou, quando o fazem, deixam-nas em segundo plano (DE LÉSÉLEUC, 2012; DUNCAN, 2006 *apud* POFFO *et al.* 2021). Nesses casos, a atenção se volta para a vida diária dos atletas, seus relacionamentos, questões familiares e hábitos alimentares (DE LÉSÉLEUC; PAPPOUS; MARCELLINI, 2009 *apud* POFFO *et al.* 2021). Exemplos adicionais de "trivialização" incluem a ênfase na aparência, beleza, vestimenta, maquiagem e atributos sexuais dos atletas. Essa abordagem não ajuda a construir imagens que destaquem suas habilidades esportivas ou a desestigmatização deles.

Estudos acadêmicos ajudam a dimensionar a atuação da imprensa brasileira na abordagem aos atletas com deficiência. Em vista disso, Hilgemberg (2014) constata em que tipos de categorizações a imprensa brasileira encaixa os atletas paralímpicos nas edições de 1996 (Atlanta), 2000 (Sydney), 2004 (Atenas) e 2008 (Pequim).

No Brasil, não há uma tendência entre os tipos de estereótipos, sendo que, em 1996 e 2008, o super-herói é o mais encontrado; em 2004, o coitadinho impera e, em 2000, ambos encontram-se com a mesma taxa de ocorrência. No entanto, apenas em 1996 há uma diferença significativa entre as taxas de ocorrência (67% para super-herói e 34% para coitadinho). A partir de 2000, as taxas permanecem equitativas, mostrando um equilíbrio entre os dois estereótipos, com tendência para o super-herói, visto que o estereótipo de coitadinho apresenta uma maior taxa de ocorrência apenas em 2004. (HILGEMBERG, 2014, p.53).

No referido estudo, constata-se que nos Jogos de Atlanta 33% do material esteve presente o estereótipo do "coitado" e em 67% foi identificado o do "super-herói". Nos Jogos de Sydney (2000) verificou-se uma taxa de ocorrência de 50% para ambas as categorias. Nas duas edições seguintes, Atenas (2004) e Pequim (2008), a tendência de equilíbrio nos estereótipos manteve-se, ao passo que atestou-se uma ocorrência de 53% (Sydney) e 44% (Pequim) na categoria de "coitado" e 47% (Sydney) e 56% (Pequim) na categoria

"super-herói" nas respectivas edições dos Jogos Paralímpicos.

Diante disso, cabe a esta pesquisa analisar sob perspectiva semelhante, entretanto com objetos distintos, de que forma atletas paralímpicos são retratados pela mídia. Afinal, de Pequim 2008 a Rio 2016 e Tóquio 2020 passaram de 8 a 13 anos, respectivamente. Será possível identificar alterações neste cenário? A seguir, detalharemos os materiais e métodos deste trabalho.

5 METODOLOGIA

Para alcançar os objetivos propostos nesta pesquisa escolhemos o método de análise de conteúdo. Tal metodologia é frequentemente utilizada em estudos no âmbito do campo da comunicação. Segundo Bardin (1977) a análise de conteúdo possui dois tipos de utilização: a) heurística e b) de administração de prova. Na primeira, não há hipóteses levantadas a partir da exploração do conteúdo. Já na segunda utilização, busca-se as verificações das hipóteses estabelecidas previamente. Neste estudo, optamos pela segunda função, pois a discussão teórica nos permitiu formular algumas hipóteses a priori, conforme detalharemos adiante.

Bardin (1977) aponta que a análise de conteúdo pode ser dividida em três etapas: a) pré-análise, b) exploração do material e tratamento dos resultados e c) a realização da análise propriamente dita. O objetivo da análise de conteúdo é identificar padrões e tendências no conteúdo das mensagens de comunicação, contribuindo para a compreensão de fenômenos sociais e culturais.

As formas de análises disponíveis na proposta de Laurence Bardin podem ser quantitativa e/ou qualitativa. Na análise quantitativa, são feitas contagens e medidas para identificar a frequência e a intensidade de determinados temas, categorias ou elementos presentes no conteúdo analisado. Minayo (2002, p. 21-22) acrescenta que "a pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado". Na análise qualitativa, o foco está na interpretação do sentido e do significado dos elementos identificados no conteúdo, buscando compreender a dinâmica e as relações presentes nos discursos e mensagens.

Bardin (1977) ressalta que ambas as abordagens podem ser utilizadas em conjunto para obter uma análise mais completa e aprofundada do conteúdo - é o caso da proposta desta pesquisa.

Ao contemplar as três etapas, é possível identificar e descrever os principais resultados obtidos, as conclusões e, posteriormente, as implicações da pesquisa para o campo em questão.

O corpus deste estudo é composto por 35 reportagens do programa Globo Esporte, relacionadas aos Jogos Paralímpicos Rio 2016 e Tóquio 2020. Selecionamos 17 reportagens dos Jogos Paralímpicos Rio 2016, veiculadas de 08 a 19 de setembro de 2016, e 18 reportagens dos Jogos Paralímpicos Tóquio 2020, exibidas de 24 de agosto a 6 de setembro de

2021. Impreterivelmente, é preciso entendermos o que configura uma reportagem na TV. Nessa perspectiva, Fechine; Abreu e Lima (2021) apontam que:

A reportagem incorpora todas as formas de apresentação utilizadas nos demais formatos, tais como texto, imagens, presença do apresentador, repórter, entrevistados, além de outras formas adicionais. Na reportagem, há “a presença do repórter no vídeo, várias entrevistas feitas por ele, vários trechos de áudio coberto com imagens e poderá ter, ainda, o áudio local em sobre-som” (CRUZ NETO, 2008, p. 50). Em relação à sua composição interna, os elementos citados mais recorrentes são o off, a passagem (também chamada por vezes de stand up), as sonoras e, em alguns casos, a cabeça e a nota-pé. De acordo com Rezende (2000), a reportagem divide-se basicamente em cinco partes: a cabeça, o off, o stand up (mais conhecido pelo termo passagem quando encarado no nível enunciativo da reportagem), as sonoras e o pé (também chamado de nota-pé). (FECHINE; ABREU E LIMA, 2021, p.36).

Assim sendo, observamos tais critérios para a definição das reportagens selecionadas para análise nesta pesquisa.

Essas reportagens foram colhidas através da plataforma Globoplay. Portanto, é importante destacar que não tivemos acesso à íntegra dos programas, e esses conteúdos não foram extraídos no momento de sua exibição na televisão. Ressalto também que, embora o foco da análise tenha sido nas reportagens, outros tipos de conteúdo do programa, como flashes e boletins, também foram levados em consideração na análise quantitativa, sobretudo, para efeito comparativo quanto a exposição dos Jogos Paralímpicos ante a outros temas.

O Globo Esporte é veiculado de segunda a sábado das 13h00 às 13h25 (horário de Brasília)⁴⁰, e é transmitido em todo o território brasileiro, com diversas edições por estado, trazendo notícias, entrevistas e reportagens relacionadas aos esportes. No que se refere à cobertura paralímpica, o Globo Esporte tem um histórico de ampliar a visibilidade dos atletas com deficiência e de promovê-los durante os Jogos Paralímpicos, por meio da produção de conteúdos jornalísticos. Optamos pela análise da edição do Rio de Janeiro, pois esta além de ser exibida no estado do Rio de Janeiro, abrange os estados⁴¹ do Acre, Amapá, Amazonas, Espírito Santo, Pará, Paraíba, Piauí, Rio Grande do Norte⁴², Roraima, Rondônia e Tocantins, seja na íntegra ou parcialmente (a partir do segundo bloco). Além disso, diversas reportagens exibidas na edição do Rio de Janeiro, são distribuídas para serem veiculadas nas demais.

O propósito central deste estudo é entender como os atletas com deficiência são representados no Globo Esporte durante os Jogos Paralímpicos Rio 2016 e Tóquio 2020. Para

⁴⁰ <https://redeglobo.globo.com/rio/programacao/>

⁴¹ As informações foram checadas através do site ge.globo.

⁴² O Rio Grande do Norte contava com uma edição local até junho de 2020.
<https://www.blogdobg.com.br/interv-cabugi-encerra-o-globo-esporte-rn/>

alcançar este objetivo, iremos observar: a) os estereótipos (superação ou vítima); b) o volume de informação sobre os Jogos Paralímpicos no programa durante os períodos selecionados.

Portanto, inicialmente realizaremos a análise qualitativa das reportagens com base na presença de estereótipos - de superação ou vítima. Na mesma etapa, também iremos quantificar o volume de informações sobre os Jogos Paralímpicos no programa durante os períodos selecionados.

Com base na questão principal, podemos formular algumas hipóteses que podem ser confirmadas ou refutadas ao longo desta pesquisa: a) a abordagem estará mais relacionada a performance esportiva aumentará entre as duas edições; b) o volume de informação aumentará entre as duas edições dos Jogos Paralímpicos. Em seguida, averiguaremos a validade dessas hipóteses.

6 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Este estudo tem como objetivo analisar as reportagens exibidas pelo programa de TV Globo Esporte, da TV Globo, nas Paralimpíadas de 2016 (Rio de Janeiro) e 2020 (Tóquio), buscando identificar a presença de estereótipos em relação aos atletas com deficiência. Para tanto, iniciaremos com a reportagem exibida no programa de TV Globo Esporte, da TV Globo, no dia 8 de setembro de 2016 e concluímos com a reportagem exibida no dia 6 de setembro de 2021. A seguir disponibilizamos tabelas de sistematização dos resultados desta pesquisa, e posteriormente, discutiremos esses.

A tabela apresentada a seguir traz a lista de reportagens analisadas neste estudo. Ao observar a tabela, podemos ver que a maioria das reportagens não apresenta estereótipos em relação aos atletas do paradesporto. No entanto, algumas reportagens destacam a superação dos atletas, enquanto outras mencionam aspectos negativos, como serem “vítimas” da deficiência. Vejamos:

Tabela 3 – Reportagens analisadas na pesquisa. (continua)

Paralimpíada	Reportagem	Data da reportagem	Repórter	Estereótipo presente na reportagem
Rio 2016	"Maracanã lotado não foi para ver coitadinhos, foi para ver campeões" diz Clodoaldo Silva	08/09/2016	Renato Peters	Superação
Rio 2016	Brasil estreia no basquete e no futebol de 5 da Paralimpíada Rio 2016	09/09/2016	Marcos Uchôa	Não há
Rio 2016	Lúcia Araújo conquista medalha de prata para o Brasil no Judô até 57kg	10/09/2016	Diego Moraes	Não há
Rio 2016	Atletas paralímpicos surpreendem no atletismo na Paralimpíada do Rio	10/09/2016	Marcos Uchôa	Vítima

Tabela 3 – Reportagens analisadas na pesquisa. (continua)

Paralimpíada	Reportagem	Data da reportagem	Repórter	Estereótipo presente na reportagem
Rio 2016	Brasil já tem 15 medalhas no atletismo na Paralimpíada Rio 2016	12/09/2016	Diego Moraes	Não há
Rio 2016	Brasil vence a Turquia por 2 a 0 no futebol de 5 e está classificado para a semifinal	12/09/2016	Carol Barcelos	Não há
Rio 2016	Israel Stroh conquista medalha inédita no tênis de mesa	12/09/2016	Luciana Ávila	Não há
Rio 2016	Quatro atletas faturam medalhas na natação paralímpica	13/09/2016	Renato Peters	Não há
Rio 2016	Brasil leva o ouro no arremesso de disco para cegos e prata no revezamento 4x100 T11-T13	13/09/2016	Diego Moraes	Não há
Rio 2016	Brasileiro perde o bronze para iraniano no tiro com arco	14/09/2016	André Gallindo	Vítima
Rio 2016	Terezinha Guilhermina queima largada e é desclassificada da final dos 200m	14/09/2016	Diego Moraes	Não há
Rio 2016	Caio Ribeiro conquista medalha de bronze na canoagem de velocidade KL3	15/09/2016	Luciana Ávila	Não há

Tabela 3 – Reportagens analisadas na pesquisa. (continua)

Paralimpíada	Reportagem	Data da reportagem	Repórter	Estereótipo presente na reportagem
Rio 2016	Esgrimista italiana, que amputou pernas e braços aos 11 anos, leva ouro no Rio	15/09/2016	André Gallindo	Superação
Rio 2016	Brasil vence China e pega Irã na final do futebol de 5 na Paralimpíada	16/09/2016	Diego Moraes	Não há
Rio 2016	Brasil para em gigante iraniano de 2,46m pelo vôlei sentado	17/09/2016	Diego Moraes	Não há
Rio 2016	Com cerimônia de encerramento cheia de festa, Brasil se despede da Paralimpíada	19/09/2016	Carlos Gil	Não há
Rio 2016	Com tetra no futebol de 5 e show na natação, Brasil fecha Paralimpíada com marca histórica	19/09/2016	Diego Moraes	Não há
Tóquio 2020	Cerimônia de Abertura dos Jogos Paralímpicos conta com narrativa sobre fábula e cativa espectadores	24/08/2021	Carlos Gil	Não há
Tóquio 2020	Brasil leva quatro medalhas na natação no primeiro dia das Paralimpíadas	25/08/2021	Renato Peters	Não há
Tóquio 2020	Daniel Dias ganha dois bronzes e chega a 27 medalhas paralímpicas	26/08/2021	Renato Peters	Não há

Tabela 3 – Reportagens analisadas na pesquisa (continua)

Paralimpíada	Reportagem	Data da reportagem	Repórter	Estereótipo presente na reportagem
Tóquio 2020	Brasil leva um ouro, uma prata e um bronze no terceiro dia da natação	27/08/2021	Renato Peters	Não há
Tóquio 2020	Estreia do atletismo rende quatro ouros e dois bronzes ao Brasil	27/08/2021	Carlos Gil	Não há
Tóquio 2020	Brasil conquista uma prata e dois bronzes no 2º dia do atletismo	28/08/2021	Carlos Gil	Não há
Tóquio 2020	Brasil conquista medalhas no tênis de mesa, no judô e na natação	28/08/2021	Renato Peters	Não há
Tóquio 2020	Bruna Alexandre é prata na primeira final do Brasil no tênis de mesa paralímpico	30/08/2021	Renato Peters	Não há
Tóquio 2020	Brasil conquista mais quatro medalhas no atletismo pelas Paralimpíadas	30/08/2021	Carlos Gil	Não há
Tóquio 2020	Brasil vence França por 4 a 0 no futebol de 5 e pega o Marrocos na semifinal	31/08/2021	Renato Peters	Não há
Tóquio 2020	Dia no atletismo paralímpico: ouro histórico, prata, bronze e desclassificações	31/08/2021	Carlos Gil	Não há

Tabela 3 – Reportagens analisadas na pesquisa. (conclusão)

Paralimpíada	Reportagem	Data da reportagem	Repórter	Estereótipo presente na reportagem
Tóquio 2020	Na despedida de Daniel Dias, Brasil conquista ouro, prata e bronze na natação paralímpica	01/09/2021	Renato Peters	Não há
Tóquio 2020	Final Futebol de 5 será entre Brasil e Argentina, no sábado	02/09/2021	Renato Peters	Não há
Tóquio 2020	Com mais dois ouros, natação brasileira supera melhor participação em paralimpíadas	02/09/2021	Carlos Gil	Não há
Tóquio 2020	Brasil alcança 21 medalhas ao todo e finaliza o dia na 7ª posição das Paralimpíadas	03/09/2021	Renato Peters	Não há
Tóquio 2020	Brasil chega à marca histórica de 22 medalhas nos Jogos Paralímpicos no penúltimo dia de competição	04/09/2021	Carlos Gil	Não há
Tóquio 2020	É penta! Seleção de futebol de 5 bate Argentina na final	04/09/2021	Renato Peters	Não há
Tóquio 2020	Brasil leva recorde de 22 ouros nas Paralimpíadas de Tóquio	06/09/2021	Renato Peters	Não há

Fonte: elaborado pelo autor com informações disponíveis na plataforma Globoplay (2023).

A tabela a seguir apresenta os dados sobre as reportagens analisadas na pesquisa, divididas entre as Paralimpíadas do Rio 2016 e Tóquio 2020. No total, foram analisadas 35 reportagens, sendo 17 referentes à Paralimpíada do Rio 2016 e 18 referentes à Paralimpíada de Tóquio

2020 e destaca a presença de estereótipos nas reportagens da Paralimpíada do Rio 2016 e a ausência de estereótipos nas reportagens de Tóquio 2020.

Tabela 4 – Total de reportagens analisadas.

Total de reportagens analisadas	Paralimpíada Rio 2016	Paralimpíada Tóquio 2020
35	17	18

Fonte: elaborado pelo autor a partir da leitura dos dados coletados (2023).

Tabela 5 – Resultados sobre as reportagens analisadas.

Paralimpíada	Total de reportagens com estereótipo	Porcentagem geral
Rio 2016	4	11,42%
Tóquio 2020	0	0%

Fonte: elaborado pelo autor a partir da leitura dos dados coletados (2023).

A tabela 6 apresenta os estereótipos encontrados nas reportagens analisadas na pesquisa sobre o paradesporto. Vejamos.

Tabela 6 – Estereótipos encontrados.

Estereótipo encontrado	Total de ocorrências	Proporção geral
Superação	3	8,57%
Estereótipo encontrado	Total de ocorrências	Proporção geral
Vítima	1	2,85%

Fonte: elaborado pelo autor a partir da leitura dos dados coletados (2023).

Com base na análise de 35 reportagens exibidas no programa de TV Globo Esporte, da TV Globo, durante as Paralimpíadas Rio 2016 e Tóquio 2020, foi possível identificar a presença de estereótipos em algumas das matérias. Dos 17 vídeos analisados da edição de 2016, 4 apresentavam estereótipos, enquanto nas 18 reportagens da edição de 2020 nenhum estereótipo foi identificado. O estereótipo mais comum encontrado foi o da "superação", presente em 3 reportagens, seguido do estereótipo da "vítima", identificado em apenas 1 reportagem. A proporção geral de reportagens com estereótipos foi de 11,42%, sendo que o estereótipo da "superação" correspondeu a 8,57% das reportagens analisadas, enquanto o estereótipo da "vítima" correspondeu a 2,85%.

A partir do material analisado, observa-se uma tendência de reposicionamento da imprensa brasileira quanto à cobertura dos Jogos Paralímpicos. De modo que atestamos um tratamento mais próximo ou quase igualitário em comparação aos atletas olímpicos, ao menos no que se refere a como eles são retratados. A partir dos Jogos do Rio, nota-se que já há um direcionamento nesse sentido, muito embora enquadramentos de “vítima” ou “superação” surjam em quatro reportagens. No conteúdo veiculado durante Tóquio 2020, esses enquadramentos desaparecem e dão lugar ao que deveria ser o lugar-comum - o retrato de atletas de alto rendimento com suas forças e fraquezas, erros e acertos, vitórias e derrotas. Portanto, as reportagens veiculadas no programa durante os Jogos de Tóquio 2020 foram, na visão deste pesquisador, absolutamente voltadas ao desempenho desses atletas.

Cabe compreendermos as possíveis causas das mudanças que foram identificadas neste estudo quanto às representações dos atletas com deficiência. Dessa forma, observou-se

que a partir dos Jogos de Londres, o IPC passou a criar mecanismos para contribuir com o redirecionamento da cobertura paralímpica pela imprensa, um dos mecanismos foi a elaboração de Guias de Imprensa com o objetivo de ajudar a mídia a compreender o paradesporto e orientá-la quanto às expressões utilizadas para se referir aos atletas e pessoas com deficiência. O mesmo ocorreu nos Jogos do Rio 2016, onde um guia com as mesmas diretrizes foi desenvolvido⁴³, para destacar a importância de mostrar os atletas paralímpicos como atletas de alto rendimento, que competem em modalidades específicas, e não de um modo em que a deficiência - uma condição - esteja acima de tudo.

Esta mudança é percebida por atletas paralímpicos. O ex-nadador paralímpico Daniel Dias (2022)⁴⁴ registra que:

A primeira Paralimpíada (Pequim 2008) ainda tinha muito ‘Olha que bonitinho! Sem braço, sem perna e nada’ - a questão da superação. Em 2012 já teve um marco, começa a ter uma mudança de como foi apresentado os Jogos Paralímpicos para o público, inclusive na mídia. Mas para nós brasileiros foi 2016, que vira uma chave (...) as pessoas passam a admirar o atleta. (...) Se pegarmos os Jogos de Tóquio foi falado de performance. Quando você fala de Olimpíadas do que é falado? Performance. (Bola da Vez, 2022, ESPN do Brasil).

A fala de Daniel Dias evidencia que o tratamento da imprensa quanto aos Jogos Paralímpicos passa a valorizar a performance dos atletas, sobretudo nos Jogos de Tóquio. Com isso, é importante discutirmos possíveis razões para que os Jogos Paralímpicos Tóquio 2020 tenham sido, enfim, os “Jogos da Performance” no aspecto do tratamento midiático, conforme sustentamos nesta análise.

O movimento *We the 15* (em tradução livre, Nós Os 15)⁴⁵, lançado e promovido durante os Jogos Paralímpicos Tóquio 2020 em conjunto com a Aliança Internacional de Deficiência (IDA, em inglês) e apoiada por diversas outras entidades, como ONU e a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), deve ser compreendido como mais um esforço no sentido de quebrar estigmas relacionados às pessoas com deficiência.

No vídeo da campanha⁴⁶, pessoas com diversos tipos de deficiência mostram que, assim como qualquer um, realizam atividades como arrumar a cama, pagar boletos, casar. E falam que não querem ser colocados num pedestal, e sim tratados como iguais. O nome da campanha faz referência ao fato de que 15% da população mundial possui alguma deficiência. A campanha evidenciou também o papel político dos Jogos, bem como do IPC. Durante a

⁴³ <https://cpb.org.br/noticia/detalhe/1759/guia-traz-dicas-para-a-midia-na-cobertura-dos-jogos-paralimpicos>

⁴⁴ <https://open.spotify.com/episode/5WCJ6nTUcvvexMtbl9r1re?si=f5679476d77345f0>

⁴⁵ <https://www.wethe15.org/pt>

⁴⁶ <https://www.youtube.com/watch?v=gHCDvdCaJhI>

Paralimpíada Tóquio 2020, os atletas usaram tatuagens temporárias com a identidade da campanha Nós Os 15⁴⁷. Marco no ativismo da pessoa com deficiência, o movimento está incluso na Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável da ONU e visa acabar com a discriminação contra pessoas com deficiência e atuar como um movimento global em prol da visibilidade, acessibilidade e inclusão dos deficientes na sociedade.

Não é possível prevermos se haverá impactos permanentes relacionados a esta campanha nos mais diversos âmbitos da vida social, pois conforme Darcy; Dickson (2021)⁴⁸:

(...) Em parte, a resposta dependerá do que #WeThe85 fará para ajudar a co-criar sociedades, comunidades, locais de trabalho e oportunidades esportivas mais acessíveis e inclusivas, onde #WeThe15 se sintam bem-vindos, iguais e em casa. (DARCY; DICKSON, 2021, tradução nossa).⁴⁹

Todavia, é possível aferir que, em alguma medida, houve uma sinergia do IPC, demais entidades envolvidas na campanha e o tratamento midiático analisado neste estudo. Cabe ressaltar que a campanha foi mencionada no programa Globo Esporte logo no primeiro dia de cobertura⁵⁰, como uma espécie de ponto de partida. Após a exibição do *VT* sobre a campanha, o apresentador do noticiário diz que “As Paralimpíada são uma grande chance da gente olhar para essas pessoas pelo o que fazem, e não por causa de uma característica como uma deficiência.” (CAMPANHA..., 2021, Globoplay) dando o tom do que seria a cobertura dos Jogos Paralímpicos no programa.

Adiante, interessa-nos analisar o espaço concedido às Paralimpíadas pelo programa durante as edições Rio 2016 e Tóquio 2020. Para isso, verificamos os conteúdos sobre o tema Paralimpíadas versus conteúdos sobre outros temas, sob métricas de quantidade e minutos dedicados. Desse modo, flashes, boletins e outros gêneros de produção noticiosa na TV serão incluídos. Esclarecemos que não foi possível ter acesso a íntegra dos programas na plataforma Globoplay. Assim, selecionamos os conteúdos disponíveis (vídeos) na plataforma das edições do programa que se referem ao período dos Jogos para levantar os dados da análise, conforme detalharemos a seguir. Vejamos primeiramente os dados referentes à comparação entre a cobertura dos Jogos Paralímpicos e outros temas no programa Globo Esporte, de 8 a 19 de setembro de 2016:

⁴⁷ <https://www.designweek.co.uk/issues/16-22-august-2021/wethe15-design-pentagram/>

⁴⁸ <https://olympicanalysis.org/section-5/will-wethe85-finally-include-wethe15-as-a-legacy-of-tokyo-2020-2/>

⁴⁹ No original: “In part the answer will depend upon what #WeThe85 do to help co-create more accessible and inclusive societies, communities, workplaces, and sporting opportunities where #WeThe15 feel welcomed, equal, and at home.”

⁵⁰ <https://globoplay.globo.com/v/9795871/?s=0s>

Tabela 7 – Comparativo sobre conteúdos dos Jogos Paralímpicos 2016 e outros temas no Globo Esporte. (continua)

Dia	Jogos Paralímpicos 2016	Outros temas
08/09/2016	Quantidade: 2, Duração: 05:05	Quantidade: 6, Duração: 09:47
09/09/2016	Quantidade: 3, Duração: 06:15	Quantidade: 6, Duração: 08:51
10/09/2016	Quantidade: 6, Duração: 08:22	Quantidade: 6, Duração: 06:10
12/09/2016	Quantidade: 4, Duração: 05:22	Quantidade: 7, Duração: 10:02
13/09/2016	Quantidade: 3, Duração: 04:04	Quantidade: 5, Duração: 12:50
14/09/2016	Quantidade: 2, Duração: 03:14	Quantidade: 8, Duração: 14:33
15/09/2016	Quantidade: 3, Duração: 03:53	Quantidade: 7, Duração: 11:46

Tabela 7 – Comparativo sobre conteúdos dos Jogos Paralímpicos 2016 e outros temas no Globo Esporte. (conclusão)

Dia	Jogos Paralímpicos 2016	Outros temas
16/09/2016	Quantidade: 3, Duração: 03:44	Quantidade: 7, Duração: 10:53
17/09/2016	Quantidade: 2, Duração: 02:25	Quantidade: 9, Duração: 09:08
19/09/2016	Quantidade: 2, Duração: 05:13	Quantidade: 9, Duração: 10:43

Fonte: elaborado pelo autor com dados levantados através da plataforma Globoplay (2023).

Com base nessas informações, podemos analisar a cobertura do programa Globo Esporte durante o período de 8 a 19 de setembro de 2016, comparando o tempo dedicado às Paralimpíadas com outros temas. Durante essas edições analisadas, observa-se uma diferença significativa na duração dos conteúdos relacionados aos Jogos Paralímpicos em comparação com outros temas. Em alguns dias, como 08/09/2016, 12/09/2016 e 14/09/2016, o tempo dedicado a outros temas foi quase o dobro do tempo dedicado às Paralimpíadas. No entanto, em 10/09/2016, a duração das reportagens sobre os Jogos Paralímpicos superou a duração das reportagens sobre outros temas. Ainda assim, no geral, a cobertura das Paralimpíadas recebeu menos tempo de exposição do que outros eventos esportivos durante o período analisado.

Durante esse período, outros temas, como os jogos do Campeonato Brasileiro tiveram uma cobertura mais intensa em comparação com a dos Jogos Paralímpicos. Em contraposição, eventos como o US Open de tênis, a Liga dos Campeões da Europa e a Copa do Mundo de Futsal foram abordados, mas com menor destaque em relação às Paralimpíadas. Além disso, outros esportes, como surfe e esporte a motor (Fórmula 1), também foram mencionados no programa, mas em menor escala se comparados com a Paralimpíada do Rio.

Em conclusão, a análise dos dados fornecidos revela que, no geral, o programa Globo

Esporte dedicou menos tempo às Paralimpíadas em relação a outros assuntos esportivos durante o período de 08 a 19 de setembro de 2016. Essa diferença na duração das reportagens sugere que a cobertura das Paralimpíadas recebeu uma atenção secundária.

Vejamos a seguir os dados referentes a comparação entre a cobertura dos Jogos Paralímpicos e outros temas no programa Globo Esporte, de 24 de agosto a 6 de setembro de 2021:

Tabela 8 – Comparativo sobre conteúdos dos Jogos Paralímpicos 2020 e outros temas no Globo Esporte. (continua)

Data	Jogos Paralímpicos 2020	Outros temas
24/08/2021	Quantidade: 2, Duração: 03:20	Quantidade: 7, Duração: 14:53
25/08/2021	Quantidade: 2, Duração: 03:56	Quantidade: 5, Duração: 11:28
26/08/2021	Quantidade: 2, Duração: 03:24	Quantidade: 6, Duração: 14:13
27/08/2021	Quantidade: 2, Duração: 03:37	Quantidade: 8, Duração: 14:33
28/08/2021	Quantidade: 2, Duração: 03:35	Quantidade: 7, Duração: 13:00
30/08/2021	Quantidade: 3, Duração: 03:30	Quantidade: 9, Duração: 15:21
31/08/2021	Quantidade: 4, Duração: 03:24	Quantidade: 8, Duração: 15:29
01/09/2021	Quantidade: 2, Duração: 04:49	Quantidade: 8, Duração: 13:34

Tabela 8 – Comparativo sobre conteúdos dos Jogos Paralímpicos 2020 e outros temas no Globo Esporte. (conclusão)

Data	Jogos Paralímpicos 2020	Outros temas
02/09/2021	Quantidade: 6, Duração: 03:38	Quantidade: 8, Duração: 14:18
03/09/2021	Quantidade: 8, Duração: 06:34	Quantidade: 9, Duração: 14:39
04/09/2021	Quantidade: 3, Duração: 06:13	Quantidade: 4, Duração: 08:35
06/09/2021	Quantidade: 1, Duração: 02:01	Quantidade: 8, Duração: 16:07

Fonte: elaborado pelo autor com dados levantados através da plataforma Globoplay (2023).

A cobertura das Paralimpíadas de Tóquio no programa Globo Esporte entre 24 de agosto e 6 de setembro de 2021 foi, em geral, também menor em comparação com a cobertura de outros temas. O número de conteúdos relacionados aos Jogos Paralímpicos variou entre 1 e 8 por dia, enquanto outros temas tiveram entre 4 e 9 conteúdos diários. Isso indica que os Jogos Paralímpicos não dominou o noticiário.

Houve um aumento notável em 3 de setembro de 2021. Esse aumento pode estar relacionado a conquistas significativas dos atletas paralímpicos no período que compreendeu a edição do programa. A cobertura de outros temas se manteve relativamente estável, com pequenas variações na quantidade e duração dos conteúdos ao longo do período analisado. Isso sugere que o programa Globo Esporte continuou a dedicar tempo e recursos para cobrir uma ampla variedade de temas, além das Paralimpíadas.

Comparando a cobertura das Paralimpíadas com outros temas não relacionados ao futebol masculino, observa-se que as Paralimpíadas tiveram um espaço considerável durante o período de 24 de agosto a 6 de setembro de 2021 sob esta comparação. É importante considerar os fatores que influenciam essa diferença na cobertura. O futebol masculino é o esporte mais popular no Brasil, e sua cobertura é ampla e diversificada, incluindo informações

sobre jogadores, times, jogos e torneios locais e internacionais. Segundo Helal (1990), esta escolha do público trata-se de um fenômeno social construído.

O gosto ou a paixão por um determinado esporte não existe naturalmente em nosso “sangue”, como supõe o senso comum. Ele existe na coletividade, em nosso meio social que nos transmite esse sentimento da mesma forma que a escola nos ensina a ler e escrever. Sendo assim, o primeiro passo para uma compreensão sociológica dos esportes no mundo moderno é encará-lo como um fato social, isto é, como algo socialmente construído, que existe fora das consciências individuais de cada um, mas que se impõe como uma força imperativa capaz de penetrar intensamente no cotidiano de nossas vidas, influenciando os nossos hábitos e costumes. (HELAL, 1990, p. 13-14).

Dentro da categoria outros temas, repercussões relacionadas ao futebol masculino representou 64% deste conteúdo nas edições do Globo Esporte durante a Paralimpíada de Tóquio.

Em contrapartida, o conteúdo da cobertura dos Jogos de Tóquio no programa foi focado no desempenho dos atletas brasileiros. Em resumo, as Paralimpíadas tiveram um espaço importante na cobertura realizada pelo programa durante o período analisado, maior do que muitos outros temas não relacionados ao futebol masculino, o que é um passo importante. Isto corrobora nossa hipótese sobre a abordagem estará mais relacionada a performance esportiva.

Não obstante, é notório o contraste dos Jogos Paralímpicos perante as Olimpíadas no que se refere também a cobertura oferecida pelo programa Globo Esporte.

Em ambas as Olimpíadas - Rio 2016⁵¹ e Tóquio 2020⁵², o programa ganhou uma versão nacional, que foi exibida em toda a rede de emissoras da TV Globo durante os Jogos Olímpicos. Assim, o noticiário foi inteiramente ocupado por conteúdos sobre as Olimpíadas, algo que não ocorreu durante os Jogos Paralímpicos, conforme demonstramos.

No caso da cobertura das Paralimpíadas, o programa não só não dedicou o noticiário ao evento do esporte adaptado, como também os Jogos Paralímpicos ocuparam, na verdade, um espaço predominantemente secundário no conteúdo do programa, ao passo em que não dominaram o conteúdo do programa durante a realização dos Jogos Paralímpicos de 2016 e 2020.

Ao todo, nos Jogos do Rio foram 30 conteúdos sobre a Paralimpíada no programa, ante a 70 conteúdos sobre outros temas, enquanto os conteúdos sobre os Jogos de Tóquio somaram 37 ante 87 conteúdos sobre outros temas no período dos Jogos Paralímpicos. Dessa

⁵¹ <https://www.surtoolimpico.com.br/2021/07/jogos-olimpicos-rio2016-globo.html>

⁵² <https://noticiasdatv.uol.com.br/noticia/televisao/globo-reduz-noticias-sobre-futebol-e-tera-ge-nacional-com-andr-eoli-sobre-toquio-60932>

forma, outros temas tiveram 70% a mais de conteúdos no programa durante a Paralimpíada do Rio. A mesma proporção se repetiu na cobertura da Paralimpíada de Tóquio do programa.

Cabe observar que houve um crescimento de 23% no volume de conteúdos sobre a Paralimpíada no programa entre Rio 2016 (30 conteúdos) e Tóquio 2020 (37 conteúdos). Isso confirma a hipótese de que o volume de informação sobre os Jogos Paralímpicos no programa Globo Esporte aumentaria entre as duas edições do evento esportivo.

Por último, interessa-nos analisar as reportagens que foram veiculadas no programa Globo Esporte durante os Jogos Paralímpicos do Rio 2016 e possuem estereótipos, conforme identificamos no estudo. Ao todo, 4 reportagens exibidas no programa durante os Jogos do Rio trazem um caráter estereotipado dos atletas ou dos seus feitos. Assim, iniciamos a análise com a reportagem “Maracanã lotado não foi para ver coitadinhos, foi para ver campeões” diz Clodoaldo Silva⁵³, exibida em 8 de setembro de 2016, que traz o estereótipo da superação.

A reportagem traz um resumo da cerimônia de abertura dos Jogos Paralímpicos do Rio, assim, na reta final é detalhada o processo do acendimento da pira paralímpica. O repórter descreve da seguinte forma:

Márcia Malsar, ex-corredora com paralisia cerebral, que ganhou a primeira medalha de ouro do atletismo paralímpico do Brasil, andava com dificuldade. A chuva apertou e ela derrubou a tocha e caiu, mas se ergueu e foi em frente. O público emocionado aplaudiu o esforço. Era a maior mensagem passada no Maracanã mesmo sem querer. (MARACANÃ..., 2016, Globoplay).

A narrativa enfatiza a superação, com menções as dificuldades para andar e o fato de derrubar a tocha e cair por conta da chuva. O trecho tem um enfoque emocional, buscando despertar empatia e admiração do público. Ao relatar que o público aplaudiu seu esforço, a matéria cria uma imagem positiva e inspiradora da ex-atleta.

A reportagem “Atletas paralímpicos surpreendem no atletismo na Paralimpíada do Rio”. exibida em 10 de setembro de 2016, traz o estereótipo de vítima dos atletas paralímpicos. O apresentador introduz a reportagem ao dizer que “o atletismo está dando muitas medalhas ao Brasil, e histórias incríveis também”. Por sua vez, o repórter Marcos Uchôa diz em sua primeira frase que “Enfrentar obstáculos é a vida dessa gente.” (ATLETAS..., 2016, TV Globo)⁵⁴.

Um dos atletas com deficiência retratados na reportagem é o indiano Marivappan Thangavelu, do salto em altura. Nela, a construção que o repórter submete o atleta é de um alto grau de vitimização. Como podemos observar no trecho:

⁵³ <https://globoplay.globo.com/v/5291153/?s=0s>

⁵⁴ <https://globoplay.globo.com/v/5296342/?s=0s>

Olhando assim, é difícil não admitir que ninguém botaria fê no indiano Mariyappan Thangavelu. Magro, sem aquela pinta de atleta (...) lá estava o indiano com um sarrafo da altura do Himalaia pela frente. Um metro e oitenta e nove? Fala sério... Lá vai ele, mancando no começo, ele dá uns passinhos e faz o inimaginável. Passa a saltar num pé só. Pula, pula, pula e salta, decola e voa para a medalha de ouro. Nessas horas se vê que esse pessoal é mesmo sensacional. (ATLETAS..., 2016, Globoplay).

Observamos a partir do trecho acima destacado que o repórter busca criar um arco de redenção ao atleta. A narrativa utiliza uma linguagem informal e coloquial, visando estabelecer uma conexão com o público e enfatizar a surpresa e admiração pela performance de Thangavelu. O repórter usa o corpo do atleta para inferiorizá-lo, como se o fato de ser magro pudesse dizer algo sobre sua capacidade atlética na modalidade. Adiante, o repórter menciona as dificuldades motoras do atleta e coloca na linha do exótico sua técnica esportiva. Por último, para encerrar o arco narrativo busca encaixar a redenção ao exaltar a execução do salto e o resultado, que foi a conquista da medalha de ouro. Assim, o resultado final aparece por meio das escolhas feitas na reportagem como menos importante. Desse modo, podemos atestar que o conteúdo reverbera o que aponta Marques (2001) quanto à perpetuação da ideia de que as pessoas com deficiência são vistas como anormais e extremamente distantes do padrão considerado bom e desejável pela televisão.

A forma como o veículo televisão vem tratando a questão da deficiência ratifica a tese de que a cultura, de modo geral, vê tal condição existencial como uma situação de anormalidade e de extremo afastamento do padrão estabelecido como bom e desejável. Ser deficiente representa, pois, muito mais do que ser diferente representa estar fora do padrão de normalidade, o que só serve para atrair a atenção do público ouvinte, que, de um modo geral, parece se deixar seduzir por essa forma violenta de fazer televisão. (MARQUES, 2001, p.99).

A terceira reportagem com estereótipo identificado foi exibida em 14 de setembro de 2016. A reportagem “Brasileiro perde o bronze para iraniano no tiro com arco”⁵⁵, assinada pelo jornalista André Gallindo, traz o estereótipo da vítima. Os atletas são resumidos à deficiência, como podemos observar no trecho:

Eric Bennett já está pra lá de acostumado com a dúvida do público que ainda não o conhece. Sem o braço direito, que perdeu num acidente de carro aos quinze anos, o americano teve que se adaptar. Segura o arco com o braço esquerdo e solta a flecha com a boca. Trinta anos atrás o iraniano Ebrahim Ranjbarkivaj decidiu ser voluntário na guerra do Irã e do Iraque. Ele tinha dezesseis anos, levou um tiro de tanque e perdeu os movimentos da cintura pra baixo. Ranjbarkivaj foi o rival do brasileiro Luciano Rezende na disputa pelo bronze no arco recluso. (...) Luciano que nasceu com uma lesão na espinha foi deixando adversários pra trás. (...) Algo que ele não conseguiu na disputa pelo bronze, perdeu pro iraniano. (BRASILEIRO..., 2016, Globoplay).

⁵⁵ <https://globoplay.globo.com/v/5305335/>

A reportagem aborda as histórias de três atletas paralímpicos: Eric Bennett, Ebrahim Ranjbarkivaj e Luciano Rezende, que competem no tiro com arco. A narrativa foca na deficiência dos atletas sob viés de tragédia, são mencionadas a perda de um braço, a paralisia da cintura para baixo e suas circunstâncias, bem como uma lesão na espinha. As carreiras esportivas dos atletas tornam-se algo secundário. Observe que o resultado da prova é algo que aparece por último no conteúdo, definitivamente não é o eixo central da reportagem.

A quarta reportagem onde foi identificada estereótipo, também foi assinada pelo repórter André Gallindo, com o título “Esgrimista italiana, que amputou pernas e braços aos 11 anos, leva ouro no Rio”⁵⁶, exibida no dia 15 de setembro de 2016 tem a esgrimista italiana Beatrice Vio como personagem, e evidencia o estereótipo da superação, conforme podemos atestar no trecho a seguir:

Uma vitória que comoveu um ginásio inteiro. Uma vitória que redefine significados. Será que você sabe mesmo o que é limite? Beatrice pode te ajudar a rever esse conceito. Oito anos atrás, Teresa e Ruggero perderam o chão, ao saber que a filha de onze anos tinha meningite e infecção generalizada, que teria que amputar as pernas e os braços. Foram meses de tratamento. Testes e adaptações de próteses para as pernas e os braços. Assim ela pôde voltar à esgrima, esporte que praticava antes da doença. Resultado? Campeã nacional, europeia, mundial. Beatrice virou um símbolo na Itália, foi recebida até pelo Papa. No Rio, foi despachando adversárias até chegar a decisão do florete paralímpico. A cada ponto dela, a arena vinha abaixo e Beatrice venceu a chinesa. Medalha de ouro. (ESGRIMISTA..., 2016, Globoplay).

A reportagem apresenta a história de Beatrice Vio, uma atleta da esgrima que enfrentou meningite com infecção generalizada, causa da amputação de seus braços e pernas. A narrativa destaca a “tragédia da deficiência”, isto fica evidente na frase "Teresa e Ruggero perderam o chão", quando se refere aos pais e à recepção da notícia de que a filha teria que amputar membros inferiores e superiores. Em alguma medida, este conteúdo dá mais espaço ao lado esportivo, ao destacar os feitos da atleta como campeã nacional, continental e mundial, além da medalha de ouro nos Jogos Paralímpicos do Rio. No entanto, observa-se que o centro da reportagem, é, de fato, por notabilizar uma atleta com deficiência que superou “seus limites”, ponto tão marcante no texto da reportagem.

Reportagens, como estas analisadas, reforçam estereótipos negativos associados às pessoas com deficiência. Ao melhorar a divulgação e a cobertura do esporte paralímpico, a mídia poderia contribuir para mudar a percepção pública e combater os estigmas associados às pessoas com deficiência, conforme aponta Marques (2016).

O discurso supercrip parece ser interessante para um processo de sensacionalismo sobre o atleta com deficiência, promovendo sentimentos de pena e compaixão, ou espanto e assepsia moral. Os JP representam, nesse cenário, uma excelente

⁵⁶ <https://globoplay.globo.com/v/5308253/?s=0s>

oportunidade de divulgação de uma perspectiva mais positiva e esportiva sobre os atletas paralímpicos, fomentando a transformação de paradigmas sobre deficiência na sociedade como um todo. Os JP, assim como as formas de divulgação e descrição de seus agentes e eventos, têm importante responsabilidade e influência sobre a construção do imaginário relativo à eficiência/ineficiência da PCD como sujeito ativo e participante na sociedade. (MARQUES, 2016, p.94-95).

Todavia, observamos como um importante sinal nesta direção o fato das reportagens analisadas do programa Globo Esporte nas Paralímpiadas de Tóquio não utilizarem estereótipos danosos à comunidade dos deficientes, pois nos conteúdos analisados os sujeitos atletas estiveram em evidência. Assim, dispensou-se a utilização de enquadramentos como “vítima” ou “superação”. Isto, em algum grau, demonstra um amadurecimento na cobertura dos Jogos Paralímpicos, e que sim, houve mudanças na cobertura dos Jogos Paralímpicos no programa Globo Esporte entre os Jogos do Rio e os Jogos de Tóquio.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da discussão apresentada, do objeto analisado e da análises dos dados deste estudo, é possível concluir que a cobertura jornalística aos Jogos Paralímpicos tem demonstrado um paulatino avanço do ponto de vista da representação do atleta com deficiência, de modo que cumprimos com os objetos estipulados neste trabalho ao identificar e analisar os estereótipos utilizados quanto aos atletas com deficiência no programa Globo Esporte, e compreender mudanças na apresentação das reportagens entre as Paralimpíadas Rio 2016 e Tóquio 2020.

Em conclusão, este estudo permitiu identificar uma evolução na forma como especificamente o programa Globo Esporte retrata os atletas paralímpicos em suas reportagens entre os Jogos Paralímpicos do Rio 2016 e Tóquio 2020. A diminuição dos estereótipos e o foco no desempenho dos atletas durante os Jogos de Tóquio representam uma mudança positiva na representação desses atletas, aproximando-se de uma cobertura mais igualitária em relação aos atletas olímpicos. Compreendemos que o recorte representado por este objeto é importantíssimo, pois trata-se de um programa da emissora líder de audiência no Brasil, assim é possível que a abordagem editorial do programa, e consequentemente da TV Globo, possa também influenciar as demais emissoras de TV do Brasil.

A evolução na cobertura do programa Globo Esporte entre as Paralimpíadas do Rio 2016 e Tóquio 2020 demonstra uma crescente conscientização sobre a necessidade de representar atletas com deficiência evitando estereótipos e focando no desempenho atlético. Isso se alinha com os esforços globais, como o movimento *We the 15*, e com as diretrizes de cobertura do IPC, que buscam promover uma imagem mais positiva e inclusiva dos atletas com deficiência na mídia.

Entretanto, ainda há espaço para melhorias, especialmente em relação à quantidade e ao tempo de cobertura dedicados aos Jogos Paralímpicos em comparação com outros eventos esportivos. A imprensa tem um papel fundamental na construção de percepções e na promoção da inclusão social. Assim, uma cobertura mais abrangente, justa e igualitária dos atletas paralímpicos pode contribuir para a desconstrução de estigmas e a valorização desses atletas como profissionais de alto rendimento. A análise também mostrou que a cobertura das Paralimpíadas no programa Globo Esporte, tanto em 2016 quanto em 2021, foi menos abrangente e recebeu menos tempo de exposição do que os Jogos Olímpicos. Esse

desequilíbrio na cobertura sugere que os Jogos Paralímpicos ainda não são tratados com a mesma importância e destaque que as Olimpíadas.

Para continuar avançando na representação dos atletas com deficiência na mídia, é fundamental que os veículos de comunicação, como a TV Globo, continuem a desenvolver uma abordagem mais inclusiva e equilibrada na cobertura do paradesporto. Isso inclui dedicar mais tempo e recursos para a cobertura das Paralimpíadas. Além disso, é importante que os profissionais da imprensa sejam treinados e informados sobre questões relacionadas à deficiência e ao paradesporto, para que possam produzir conteúdo de alta qualidade. E nesse sentido, cabe aqui mencionar a presença ainda pouco expressiva de pessoas com deficiência no jornalismo, e consequentemente, em coberturas de Paralimpíadas. Nesse sentido, por exemplo, nenhuma das reportagens analisadas neste estudo foi assinada por jornalistas que fossem pessoa com deficiência. Este é um problema que o jornalismo brasileiro precisa encarar, é indispensável e urgente uma maior presença de pessoas com deficiência nas redações jornalísticas, estas podem contribuir decisivamente para um olhar mais inclusivo dos veículos de comunicação quanto a comunidade dos deficientes.

Para estudos futuros, seria interessante investigar a cobertura midiática dos Jogos Paralímpicos em outros veículos de comunicação, bem como analisar a evolução da cobertura em edições futuras dos Jogos Paralímpicos, a fim de identificar tendências e avanços na representação dos atletas com deficiência na mídia. Além disso, novos estudos poderiam debruçar-se sobre a cobertura de eventos nacionais e regionais, a fim de proporcionar uma compreensão mais abrangente do tratamento dado ao paradesporto no Brasil para além dos Jogos Paralímpicos.

REFERÊNCIAS

- "MARACANÃ lotado não foi para ver coitadinhos, foi para ver campeões"** diz Clodoaldo Silva. [Globoplay], [08/09/2016]. 1 vídeo (3min). Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/5291153/?s=0s>. Acesso em: 23 mar. 2023.
- AGÊNCIA BRASIL. Atletas surdos não participam de Paralimpíada: **EBC**, 9 set. 2016. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/rio-2016/noticia/2016-09/atletas-surdos-nao-participam-de-paralimpiada>. Acesso em: 23 mar. 2023.
- ALMEIDA, Késia Pontes de. **"A gente quer é ser um cidadão": trajetória do movimento institucional das pessoas com deficiência e a luta das pessoas cegas pelo direito à informação no Brasil**. 2011. 110 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2011. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/18502>. Acesso em: 23 mar. 2023.
- AMARAL, Lígia Assumpção. (1994). **Pensar a diferença/deficiência**. Brasília: Coordenadoria Nacional para Integração da Pessoa Portadora de Deficiência.
- ARAÚJO, P. F. **Desporto Adaptado no Brasil: origem, institucionalização e atualidades**. 1997. 140 f. Tese (Doutorado) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1997. Disponível em: <https://repositorio.unicamp.br/Busca/Download?codigoArquivo=470372>. Acesso em: 23 mar. 2023.
- ATHENS 2004. **Project "Ermis"**. [S.l.], 2004. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20050207084802/http://www.athens2004.com/en/ProjectAnd8220Ermisand8221>. Acesso em: 23 mar. 2023.
- ATLETAS paralímpicos surpreendem no atletismo na Paralimpíada do Rio**. [Globoplay], [10/09/2016]. 1 vídeo (3min). Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/5296342/?s=0s>. Acesso em: 23 mar. 2023.
- BARDIN, L. (1977) **Análise de Conteúdo**. Edições 70, Lisboa.
- BARRETO, M. A. **Esporte paralímpico brasileiro: vozes, histórias e memórias de atletas medalhistas (1976 a 1992)**. 2016. 153 f. Tese (Doutora em Educação Física) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, São Paulo, SP, 2016.
- BERGAMO, Regiane Banzatto. **Educação Especial - Pesquisa e prática**. Curitiba, Ibpx, 2010.
- BERGER, Christa. **Campos em confronto: a terra e o texto**. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1998.
- BLOG DO BG. **InterTV Cabugi encerra o Globo Esporte RN**. Disponível em: <https://www.blogdobg.com.br/intertv-cabugi-encerra-o-globo-esporte-rn/>. Acesso em: 23 mar. 2023.

BRASIL ALCANÇA 21 medalhas ao todo e finaliza o dia na 7ª posição das Paralimpíadas. [Globoplay], [03/09/2021]. 1 vídeo (3min). Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/9828164/>. Acesso em: 23 mar. 2023.

BRASIL CHEGA à marca histórica de 22 medalhas nos Jogos Paralímpicos no penúltimo dia de competição. [Globoplay], [04/09/2021]. 1 vídeo (2min). Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/9830688/?s=0s>. Acesso em: 23 mar. 2023.

BRASIL CONQUISTA mais quatro medalhas no atletismo pelas Paralimpíadas. [Globoplay], [30/08/2021]. 1 vídeo (1min). Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/9813112/?s=0s>. Acesso em: 23 mar. 2023.

BRASIL CONQUISTA MEDALHAS no tênis de mesa, no judô e na natação. [Globoplay], [28/08/2021]. 1 vídeo (1min). Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/9809348/>. Acesso em: 23 mar. 2023.

BRASIL CONQUISTA UMA PRATA e dois bronzes no 2º dia do atletismo. [Globoplay], [28/08/2021]. 1 vídeo (2min). Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/9809344/?s=0s>. Acesso em: 23 mar. 2023.

BRASIL ESTREIA no basquete e no futebol de 5 da Paralimpíada Rio 2016. [Globoplay], [09/09/2016]. 1 vídeo (3min). Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/5293822/?s=0s>. Acesso em: 23 mar. 2023.

BRASIL JÁ tem 15 medalhas no atletismo na Paralimpíada Rio 2016. [Globoplay], [12/09/2016]. 1 vídeo (2min). Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/5299452/>. Acesso em: 23 mar. 2023.

BRASIL LEVA o ouro no arremesso de disco para cegos e prata no revezamento 4x100 T11-T13. [Globoplay], [13/09/2016]. 1 vídeo (1min). Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/5302298/?s=0s>. Acesso em: 23 mar. 2023.

BRASIL LEVA QUATRO medalhas na natação no primeiro dia das Paralimpíadas. [Globoplay], [25/08/2021]. 1 vídeo (2min). Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/9799399/?s=0s>. Acesso em: 23 mar. 2023.

BRASIL LEVA RECORDE de 22 ouros nas Paralimpíadas de Tóquio. [Globoplay], [06/09/2021]. 1 vídeo (2min). Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/9833634/>. Acesso em: 23 mar. 2023.

BRASIL LEVA UM OURO, uma prata e um bronze no terceiro dia da natação. [Globoplay], [27/08/2021]. 1 vídeo (1min). Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/9806286/>. Acesso em: 23 mar. 2023.

BRASIL PARA em gigante iraniano de 2,46m pelo vôlei sentado. [Globoplay], [17/09/2016]. 1 vídeo (1min). Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/5313312/?s=0s>. Acesso em: 23 mar. 2023.

BRASIL VENCE a Turquia por 2 a 0 no futebol de 5 e está classificado para a semifinal. [Globoplay], [12/09/2016]. 1 vídeo (1min). Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/5299449/?s=0s>. Acesso em: 23 mar. 2023.

BRASIL VENCE CHINA e pega Irã na final do futebol de 5 na Paralimpíada.

[Globoplay], [16/09/2016]. 1 vídeo (1min). Disponível em:
<https://globoplay.globo.com/v/5311033/?s=0s>. Acesso em: 23 mar. 2023.

BRASIL VENCE FRANÇA por 4 a 0 no futebol de 5 e pega o Marrocos na semifinal.

[Globoplay], [31/08/2021]. 1 vídeo (58seg). Disponível em:
<https://globoplay.globo.com/v/9816834/?s=0s>. Acesso em: 23 mar. 2023.

BRASIL, 2001, Lei n. 10.264, de 16 de jul. de 2001. **Lei Agnelo/Piva**. Disponível em:
https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/leis_2001/l10264.htm. Acesso em: 23 mar. de 2023.

BRASIL, 2015, Lei n. 13.146, de 6 de jul. de 2015. **Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência**. Disponível em:
http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2015/Lei/L13146.html. Acesso em: 23 mar. de 2023.

BRASIL. Ministério do Esporte. **Lei Agnelo/Piva**. Disponível em:
<http://rededoesporte.gov.br/pt-br/incentivo-ao-esporte/lei-agnelo-piva>. Acesso em: 23 mar. 2023.

BRASILEIRO perde o bronze para iraniano no tiro com arco. [Globoplay], [14/09/2016]. 1 vídeo (1min). Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/5305335/>. Acesso em: 23 mar. 2023.

BRUNA Alexandre é prata na primeira final do Brasil no tênis de mesa paralímpico.

[Globoplay], [30/08/2021]. 1 vídeo (1min). Disponível em:
<https://globoplay.globo.com/v/9813125/?s=0s>. Acesso em: 23 mar. 2023.

CAIO Ribeiro conquista medalha de bronze na canoagem de velocidade KL3.

[Globoplay], [15/09/2016]. 1 vídeo (1min). Disponível em:
<https://globoplay.globo.com/v/5308198/>. Acesso em: 23 mar. 2023.

CAMPBELL, Fiona Kumari. Exploring internalized ableism using critical race theory. **Disability & society**, v. 23, n. 2, p. 151-162, 2008.

CAMPANHA do Comitê Paralímpico Internacional lembra que 15% da população mundial tem algum tipo de deficiência. [Globoplay], [24/08/2021]. 1 vídeo (49seg).

Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/9795871/?s=0s>. Acesso em: 23 mar. 2023.

CARDOSO, V. D.; GAYA, A. C. A classificação funcional no esporte paralímpico. **Conexões**, Campinas, SP, v. 12, n. 2, p. 132–146, 2014. DOI: 10.20396/conex.v12i2.2173. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/conexoes/article/view/2173>. Acesso em: 23 mar. 2023.

CARDOSO, Vinícius Denardin. A reabilitação de pessoas com deficiência através do desporto adaptado. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 33, p. 529-539, 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbce/a/KVK8XWkSVGyMZLxqXgB8kqH/?lang=pt>. Acesso em: 23 mar. 2023.

CARDOZO, Thiago Minete. **A imprensa brasileira e os atletas com deficiência nos Jogos Paralímpicos**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação-Habilitação em Jornalismo) - Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015. Disponível em: <https://pantheon.ufrj.br/bitstream/11422/5320/3/TCardozo.pdf>. Acesso em: 23 mar. 2023.

CASHMAN, R., DARCY, S. (2008). **Benchmark Games: the Sydney 2000 Paralympic Games**. Walla Walla Pres, NSW.

CBC SPORTS. Paralympics traces roots to Second World War.: **CBC Sports**, [s.d.]. Disponível em: <https://www.cbc.ca/sports/2.720/paralympics-traces-roots-to-second-world-war-1.697123>. Acesso em: 23 mar. 2023.

CENTRO PARALÍMPICO BRASILEIRO. Guia traz dicas para a mídia na cobertura dos Jogos Paralímpicos. **Centro Paralímpico Brasileiro**. 2016. Disponível em: <https://cpb.org.br/noticia/detalhe/1759/guia-traz-dicas-para-a-midia-na-cobertura-dos-jogos-paralimpicos>. Acesso em: 23 de mar. de 2023.

CERIMÔNIA de Abertura dos Jogos Paralímpicos conta com narrativa sobre fábula e cativa espectadores. [Globoplay], [24/08/2021]. 1 vídeo (2min). Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/9795896/>. Acesso em: 23 mar. 2023.

CNN BRASIL. Brasil tem mais de 17 milhões de pessoas com deficiência, segundo IBGE. **CNN Brasil**. 2021. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/noticias/brasil-tem-mais-de-17-milhoes-de-pessoas-com-deficiencia-segundo-ibge/>. Acesso em: 12 de dez. de 2021.

COM a cerimônia de encerramento cheia de festa, Brasil se despede da Paralimpíada. [Globoplay], [19/09/2016]. 1 vídeo (3min). Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/5316225/>. Acesso em: 23 mar. 2023.

COM MAIS dois ouros, natação brasileira supera melhor participação em paralimpíadas. [Globoplay], [02/09/2021]. 1 vídeo (1min). Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/9823672/?s=0s>. Acesso em: 23 mar. 2023.

COM TETRA no futebol de 5 e show na natação, Brasil fecha Paralimpíada com marca histórica. [Globoplay], [19/09/2016]. 1 vídeo (1min). Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/5316227/?s=0s>. Acesso em: 23 mar. 2023.

COMITÊ PARALÍMPICO BRASILEIRO. Atletismo. **Comitê Paralímpico Brasileiro**, [s.d.]. Disponível em: <https://www.cpb.org.br/modalidades/46/atletismo>. Acesso em: 23 mar. 2023.

COMITÊ PARALÍMPICO BRASILEIRO. História. Comitê Paralímpico Brasileiro, [s.d.]. Disponível em: <https://www.cpb.org.br/conteudo/detalhe/3/historia>. Acesso em: 23 de mar. de 2023.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE DESPORTOS DE DEFICIENTES VISUAIS - CBDV. COI remarca Jogos Paralímpicos de Tóquio para 24 de agosto de 2021. **CBDV**. 2020. Disponível em:

<https://www.cbdiv.org.br/imprensa/noticias/coi-remarca-jogos-paralimpicos-de-toquio-para-24-de-agosto-de-2021>. Acesso em: 23 de mar. de 2023.

CORDEIRO, Mariana Prioli. **Nada sobre nós sem nós: os sentidos de vida independente para os militantes de um movimento de pessoas com deficiência**. 2007. 187 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2007.

CORREIA, F. (2000). **Jornalismo e Sociedade**. Lisboa: Editorial Avante, SA.

DANIEL DIAS ganha dois bronzes e chega a 27 medalhas paralímpicas. [Globoplay], [26/08/2021]. 1 vídeo (1min). Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/9802908/?s=0s>. Acesso em: 23 mar. 2023.

DARCY, Simon; DICKSON, Tracey J. Will WeThe85 finally include WeThe15 as a legacy of Tokyo 2020? **Olympic Analysis**, [s.d.]. Disponível em: <https://olympicanalysis.org/section-5/will-wethe85-finally-include-wethe15-as-a-legacy-of-to-kyo-2020-2/>. Acesso em: 23 mar. 2023.

DE CARLI, R. Deficiente versus Pessoa Portadora de Deficiência: uma análise discursiva dos jornais Zero Hora e Correio do Povo. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 9, n. 2, p. 283–294, 2003. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/EmQuestao/article/view/74>. Acesso em: 22 mar. 2023.

DIA no atletismo paralímpico: ouro histórico, prata, bronze e desclassificações sofridas. [Globoplay], [31/08/2021]. 1 vídeo (1min). Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/9816824/?s=0s>. Acesso em: 23 mar. 2023.

DIAS, Adriana. **Por uma genealogia do capacitismo: da eugenia estatal a narrativa capacitista social**. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS SOBRE A DEFICIÊNCIA, 1., 2013, São Paulo. Anais [...]. São Paulo: SEDPcD/Diversitas/USP Legal, 2013. p. 1-14. Disponível em: <https://docplayer.com.br/145111795-Por-uma-genealogia-do-capacitismo-da-eugenia-estatal-a-narrativa-capacitista-social.html>. Acesso em: 12 dez. 2021.

DINIZ, Débora (2007). **O que é deficiência**. São Paulo: Brasiliense.

É PENTA! Seleção de futebol de 5 bate Argentina na final. [Globoplay], [04/09/2021]. 1 vídeo (1min). Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/9830166/?s=0s>. Acesso em: 23 mar. 2023.

ESGRIMISTA italiana, que amputou pernas e braços aos 11 anos, leva ouro no Rio. [Globoplay], [15/09/2016]. 1 vídeo (1min). Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/5308253/?s=0s>. Acesso em: 23 mar. 2023.

ESPN DO BRASIL. Bola da Vez com Daniel Dias. **Bola da Vez**, 1 jan. 2022. Spotify. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/5WCJ6nTUcvvexMtbl9r1re?si=f5679476d77345f0>. Acesso em: 23 mar. 2023.

ESTREIA do atletismo rende quatro ouros e dois bronzes ao Brasil. [Globoplay], [27/08/2021]. 1 vídeo (1min). Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/9806273/?s=0s>. Acesso em: 23 mar. 2023.

FECHINE, Yvana; ABREU E LIMA, Luisa. **A linguagem da reportagem**. Recife: Editora UFPE, 2021. Disponível em: <https://editora.ufpe.br/books/catalog/download/704/713/2248?inline=1>. Acesso em: 23 mar. 2023.

FERNANDES, Lorena Barolo, Schlesener, Anita, Mosquera, Carlos. Breve histórico da deficiência e seus paradigmas. **Revista do Núcleo de Estudos e Pesquisas Interdisciplinares em Musicoterapia**, Curitiba v.2. 2011. Disponível em: <http://periodicos.unespar.edu.br/index.php/incantare/article/download/181/186>. Acesso em: 12 dez de 2021.

FIGUEIREDO, T. H. **Os atletas Paraolímpicos na Imprensa: análise comparativa da cobertura noticiosa da mídia no Brasil e em Portugal de 1996-2008**. 2010. 180 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) - Faculdade de Letras, Universidade do Porto, Porto, 2010. Disponível em: <https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/54964>. Acesso em: 12 dez de 2021.

FILHO, J. F. Mídia, estereótipo e representação das minorias. **Revista Eco-Pós**, [S. l.], v. 7, n. 2, 2009. DOI: 10.29146/eco-pos.v7i2.1120. Disponível em: https://revistaecopos.eco.ufrj.br/eco_pos/article/view/1120. Acesso em: 23 mar. 2023.

FINAL Futebol de 5 será entre Brasil e Argentina, no sábado. [Globoplay], [02/09/2021]. 1 vídeo (1min). Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/9823744/>. Acesso em: 23 mar. 2023.

FRANÇA, T. H. Modelo Social da Deficiência: uma ferramenta sociológica para a emancipação social. **Lutas Sociais**, [S. l.], v. 17, n. 31, p. 59–73, 2013. DOI: 10.23925/ls.v17i31.25723. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/ls/article/view/25723>. Acesso em: 23 mar. 2023.

FROST, Dennis J. Lessons from Tokyo: The impact of the Paralympics in Japan. **Olympic Analysis**, s.d. Disponível em: <https://olympicanalysis.org/section-1/lessons-from-tokyo-the-impact-of-the-paralympics-in-japan/>. Acesso em: 23 mar. 2023.

GLOBO ESPORTE. Olimpíadas e Paralimpíadas de Tóquio 2020 são adiadas. **Globo Esporte**. 2020. Disponível em: <https://ge.globo.com/olimpiadas/coronavirus/noticia/olimpiadas-e-paralimpiadas-de-toquio-2020-sao-adiadas.ghtml>. Acesso em: 23 de mar. de 2023.

GORGATTI, M. G.; GORGATTI, T. **O esporte para pessoas com necessidades especiais**. In: GORGATTI, M. G.; COSTA, R. F. (Orgs.). *Atividade física adaptada: qualidade de vida para pessoas com necessidades especiais*. Barueri: Manole, 2005. p. 532-568.

HELAL, Ronaldo. **O que é Sociologia do Esporte**. São Paulo: Brasiliense, 1990. Disponível em:

<https://comunicacaoesporte.files.wordpress.com/2010/10/o-que-c3a9-sociologia-do-esporte-ronaldo-helal.pdf>. Acesso em: 23 mar. 2023.

HILGEMBERG, T. **O lugar do atleta paralímpico nos jornais impressos: uma análise da cobertura dos Jogos de 2012**. IN: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 40., 2017, Curitiba. Resumo. Disponível em: <http://portalintercom.org.br/anais/nacional2017/resumos/R12-0608-1.pdf>. Acesso em: 23 mar. 2023.

HILGEMBERG, Tatiane. Do Coitadinho ao Super-herói: Representação social dos atletas paraolímpicos na mídia brasileira e portuguesa. **Ciberlegenda**, n. 30, p. 48-58, 2014. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/ciberlegenda/article/view/36954>. Acesso em: 23 mar. 2023.

HILGEMBERG, Tatiane. Is the Paralympic Games a second-class event? **Olympic Analysis**, s.d. Disponível em: <https://olympicanalysis.org/section-2/is-the-paralympic-games-a-second-class-event/>. Acesso em: 23 mar. 2023.

HILGEMBERG, Tatiane. Jogos Paralímpicos: história, mídia e estudos críticos da deficiência. **Recorde: Revista de História do Esporte**, v. 12, n. 1, 2019. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/Recorde/article/view/25663>. Acesso em: 23 mar. 2023.

HUNT, Paul (1966). **Stigma: the experience of disability**. London: Geoffrey Chapman.

INTERNATIONAL PARALYMPIC COMMITTEE. **Beijing 2008**. [2008]. Disponível em: <https://www.paralympic.org/beijing-2008>. Acesso em: 23 mar. 2023.

INTERNATIONAL PARALYMPIC COMMITTEE. **London 2012**. [2012]. Disponível em: <https://www.paralympic.org/london-2012>. Acesso em: 23 mar. 2023.

INTERNATIONAL PARALYMPIC COMMITTEE. **Rio 2016 Paralympic Games**. Disponível em: <https://www.paralympic.org/rio-2016>. Acesso em: 23 mar. 2023.

INTERNATIONAL PARALYMPIC COMMITTEE. **Seoul 1988 Paralympic Games**. Disponível em: <https://www.paralympic.org/seoul-1988>. Acesso em: 23 mar. 2023.

INTERNATIONAL PARALYMPIC COMMITTEE. **Tokyo 2020 announces its financial results**. Disponível em: <https://www.paralympic.org/news/tokyo-2020-announces-its-financial-results>. Acesso em: 23 mar. 2023.

INTERNATIONAL PARALYMPIC COMMITTEE. **Tokyo 2020 Paralympics set to break all broadcast viewing records**. Disponível em: <https://www.paralympic.org/news/tokyo-2020-paralympics-set-break-all-broadcast-viewing-records>. Acesso em: 23 mar. 2023.

ISRAEL Stroh conquista medalha inédita no tênis de mesa. [Globoplay], [12/09/2016]. 1 vídeo (1min). Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/5299471/?s=0s>. Acesso em: 23 mar. 2023.

JORNAL DA USP. Mudanças na classificação funcional de atletas barram nadador paralímpico.: **Jornal da USP**, [s.d.]. Disponível em: <https://jornal.usp.br/atualidades/mudancas-na-classificacao-funcional-de-atletas-barram-nadador-paralimpico/>. Acesso em: 23 mar. 2023.

LABRONICI, R. H. D. D. *et al.*. Esporte como fator de integração do deficiente físico na sociedade. **Arquivos Neuro-Psiquiatria**, v. 58, n. 4, p. 1092-1099, 2000. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/anp/a/rYVvk4rKy3MY8hDxwdwVtttc/abstract/?lang=pt#:~:text=Nos%20aspectos%20sociais%20houve%20importante,adapta%C3%A7%C3%A3o%20a%20sua%20condi%C3%A7%C3%A3o%20f%C3%ADsica>. Acesso em: 23 mar. 2023.

LIMA, Venício A. de. **Cenários de Representação da Política, CR-P**. In: : RUBIM, Antonio Albino Canelas (org.) Comunicação e política: conceitos e abordagens. São Paulo: Unesp; Salvador: Edufba, 2004.

LONGO, Guilherme Gonçalves. **A cobertura das paralimpíadas Rio-2016 na imprensa brasileira**. 2019. Dissertação (Mestrado em Jornalismo) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Jornalismo, Florianópolis, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/215300>. Acesso em: 23 mar. 2023.

LÚCIA Araújo conquista medalha de prata para o Brasil no Judô até 57kg. [Globoplay], [10/09/2016]. 1 vídeo (1min). Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/5296322/?s=0s>. Acesso em: 23 mar. 2023.

MARQUES, Carlos Alberto. Mídia e deficiência: a violência estampada nas páginas dos jornais. **Lumina: Facom/UFJF**. v.4, n.2, p. 215-231. Juiz de Fora, julho/dezembro de 2001.

MARQUES, R. F. R. A contribuição dos Jogos Paralímpicos para a promoção da inclusão social: o discurso midiático como um obstáculo. **Revista USP**, [S. l.], n. 108, p. 87-96, 2016. DOI: 10.11606/issn.2316-9036.v0i108p87-96. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/118244>. Acesso em: 22 mar. 2023.

MELLO, Anahí Guedes de. Deficiência, incapacidade e vulnerabilidade: do capacitismo ou a preeminência capacitista e biomédica do Comitê de Ética em Pesquisa da UFSC. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 21, p. 3265-3276, 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/J959p5hgv5TYZgWbKvspRtF/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 12 dez de 2021.

MÍDIA NINJA. **Todos os atletas paralímpicos irão disputar provas vacinados contra a Covid-19**. Disponível em: <https://midianinja.org/ninjaesportecлубe/todos-os-atletas-paralimpicos-irao-disputar-provas-vacinados-contr-a-covid-19/>. Acesso em: 23 mar. 2023.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social**. In: DESLANDES, Suely Ferreira; NETO, Otávio Cruz; GOMES, Romeu (org.). Pesquisa social: Teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 9-29.

MIRANDA, Tatiane Jacusiel. **Comitê Paralímpico Brasileiro: 15 anos de história**. 2011. 329 p. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação

Física, Campinas, SP. Disponível em: <https://hdl.handle.net/20.500.12733/1616907>. Acesso em: 23 mar. 2023.

MORAES, F. Subjetividade: ferramenta para um jornalismo mais íntegro e integral. **Revista Extraprensa**, [S. l.], v. 12, n. 2, p. 204-219, 2019. DOI: 10.11606/extraprensa2019.153247. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/extraprensa/article/view/153247>. Acesso em: 8 abr. 2023.

NA DESPEDIDA de Daniel Dias, Brasil conquista ouro, prata e bronze na natação paralímpica. [Globoplay], [01/09/2021]. 1 vídeo (3min). Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/9820477/?s=0s>. Acesso em: 23 mar. 2023.

NASCIMENTO, R. B. do. **A visão parcial da deficiência na Imprensa: revista Veja (1981 – 1999)**. 2001. 119f. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) – ECA, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2001.

NÓSOS15. Disponível em: <https://www.wethe15.org/pt>. Acesso em: 23 mar. 2023.

NOTÍCIAS DA TV. Globo reduz notícias sobre futebol e terá GE Nacional com Andreoli sobre Tóquio. Disponível em: <https://noticiasdatv.uol.com.br/noticia/televisao/globo-reduz-noticias-sobre-futebol-e-tera-ge-nacional-com-andreoli-sobre-toquio-60932>. Acesso em: 23 mar. 2023.

OLIVER, Mike (1996). **Defining impairment and disability: issues at stake**. In: BARNES, Colin; MENCER, Geof. *Exploring the divide: illness and disability*. Leeds: Disability Press.

OMS (1989). **Classificação Internacional das deficiências, incapacidades e desvantagens (handicaps) – um manual de classificação das consequências das doenças**. Ministério do emprego e da Segurança Social. Secretariado Nacional de Reabilitação. Lisboa.

ONU (1981). **Programa mundial da acção relativos às pessoas deficientes**. Secretariado Nacional de Reabilitação.

PACHECO, Kátia Monteiro De Benedetto; ALVES, Vera Lucia Rodrigues. **A história da deficiência, da marginalização à inclusão social: uma mudança de paradigma**. Acta fisiátrica, v. 14, n. 4, p. 242-248, 2007. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/actafisiatrica/article/view/102875>. Acesso em: 07 abr. 2023.

PARALYMPIC HERITAGE. **Barcelona 1992 Paralympic Summer Games.**: National Paralympic Heritage Trust. Disponível em: <https://www.paralympicheritage.org.uk/barcelona-1992-paralympic-summer-games>. Acesso em: 23 mar. 2023.

PODER360. **Sem público, Olimpíadas de Tóquio perdem quase US\$ 3 bilhões.** Disponível em: <https://www.poder360.com.br/economia/sem-publico-olimpiadas-de-toquio-perdem-quase-us-3-bilhoes/>. Acesso em: 23 mar. 2023.

POFFO, B. N.; VELASCO, A. P.; KUGLER, A. G.; FURTADO, S.; SANTOS, S. M. dos; FERMINO, A. L.; SOUZA, D. L. de. **MÍDIA E JOGOS PARALÍMPICOS NO BRASIL: INVESTIGANDO ESTIGMAS NA COBERTURA JORNALÍSTICA DA FOLHA DE S.**

PAULO. **Movimento**, v. 23, n. 4, p. 1353–1366, 2017. DOI: 10.22456/1982-8918.67945. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/67945>. Acesso em: 23 mar. 2023.

PULLEN, Emma; MORA, Laura; SILK, Michael. The media coverage of the Tokyo 2021 Paralympic Games: visibility, progress and politics. **Olympic Analysis**, s.d. Disponível em: <https://olympicanalysis.org/section-3/the-media-coverage-of-the-tokyo-2021-paralympic-games-visibility-progress-and-politics-2/>. Acesso em: 23 mar. 2023.

QUATRO atletas faturam medalhas na natação paralímpica. [Globoplay], [13/09/2018]. 1 vídeo (1min). Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/5302238/?s=0s>. Acesso em: 23 mar. 2023.

REDE GLOBO. Jogos Olímpicos: **Globo dá início à cobertura multiplataforma histórica**. Disponível em: <http://redeglobo.globo.com/novidades/noticia/2016/08/jogos-olimpicos-globo-da-inicio-cobertura-multiplataforma-historica.html>. Acesso em: 23 mar. 2023.

REDE GLOBO. **Programação**. Disponível em: <https://redeglobo.globo.com/rio/programacao/>. Acesso em: 23 mar. 2023.

REIS, Rafael Estevam. **Políticas Públicas para o esporte paralímpico brasileiro**. 2014. 121f. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Programa de Pós-Graduação em Educação Física. Universidade Federal do Paraná, Curitiba, PR, 2014. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/36290/R%20-%20D%20-%20RAFAEL%20ESTEAM%20REIS.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 23 mar. 2023.

SILVA, Aline Maira da. **Educação especial e inclusão escolar: história e fundamentos**. Curitiba: Ibepex, 2010 p.40-41.

SILVA, Jaqueline Monique Marinho da. **O discurso midiático dos Jogos Paralímpicos no Caderno de Esportes do jornal O Globo**. 2018. 101 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, 2018. Disponível em: <http://locus.ufv.br/handle/123456789/26017>. Acesso em: 23 mar. 2023.

SOUZA, Victor Henrique de Alencar Ferreira de. **A cobertura jornalística das Paralimpíadas Rio 2016: um estudo de caso sobre a TV Brasil**. 2019. 75 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Comunicação Social)—Universidade de Brasília, Brasília, 2019. Disponível em: https://bdm.unb.br/bitstream/10483/26559/1/2019_VictorHenriqueFerreiraDeSouza_tcc.pdf. Acesso em: 23 mar. 2023.

SPORTV. **SporTV entrega maior cobertura dos Jogos Olímpicos Rio 2016**. Disponível em: <http://sportv.globo.com/site/programas/rio-2016/noticia/2016/07/sportv-entrega-maior-cobertura-dos-jogos-olimpicos-rio-2016.html>. Acesso em: 23 mar. 2023.

SURTO OLÍMPICO. COI e IPC renovam acordo de cooperação e fortalecem a marca paralímpica. **Surto Olímpico**, [S.l.], 30 jun. 2016. Disponível em: <https://www.surtoolimpico.com.br/2016/06/coi-e-ipc-renovam-acordo-de-cooperacao.html>. Acesso em: 23 mar. 2023.

SURTO OLÍMPICO. **Os Jogos Olímpicos na televisão brasileira - Rio 2016, Globo.**

Disponível em:

<https://www.surtoolimpico.com.br/2021/07/jogos-olimpicos-rio2016-globo.html>. Acesso em: 23 mar. 2023.

TAHAN, Adalgisa Pires Falcão. **A universalidade dos direitos humanos**. In: Estudos e debates em Direitos Humanos. SILVEIRA, Vladimir Oliveira da; CAMPELO (COORD), Livia Gaigher Bósio (ORG). São Paulo: Letras Jurídicas, v. 2, 2012.

TEREZINHA Guilhermina queima largada e é desclassificada da final dos 200m.

[Globoplay], [14/09/2016]. 1 vídeo (1min). Disponível em:

<https://globoplay.globo.com/v/5305347/?s=0s>. Acesso em: 23 mar. 2023.

TRAQUINA, N. **Teorias do jornalismo**. Florianópolis: Insular, 2004.

TRAQUINA, Nelson. As Notícias. In: TRAQUINA, N. (org). **Jornalismo: Questões, Teorias e “Estórias”**. Lisboa: Veja, 1993. p. 167-176.

TUCHMAN, G. **Making News: a study in the construction of reality**. New York: The Free Press, 1978.

TUCHMAN, Gaye. **A objectividade como ritual estratégico: uma análise das noções de objectividade dos jornalistas**. In: TRAQUINA, Nelson (org.). **Jornalismo: questões, teorias e “estórias”**. 2. ed. Lisboa: Vega, 1999. p. 74-90.

UK SPORTS ASSOCIATION. **Newsletter July 2010**. [S.l.], 2010. Disponível em:

<https://web.archive.org/web/20120828224149/http://www.uksportsassociation.org/news/19NewsletterJuly2010.pdf>. Acesso em: 23 mar. 2023.

UOL. Veja o ranking de ibope da TV aberta: RedeTV! já ronda o traço. **Splash**. 4 fev. 2022. Disponível em:

<https://www.uol.com.br/splash/noticias/ooops/2022/02/04/veja-o-ranking-de-ibope-da-tv-aberta-redetv-ja-ronda-o-traco.htm>. Acesso em: 8 abr. 2023.

UOL OLIMPÍADAS. **Globo compra direitos da Paralimpíada 2012 e estuda transmitir eventos ao vivo**. Disponível em:

<https://olimpiadas.uol.com.br/noticias/redacao/2012/01/05/globo-compra-direitos-da-paralimp-iada-2012-e-estuda-transmitir-eventos-ao-vivo.htm>. Acesso em: 23 mar. 2023.

WETHE15. [YouTube], 2021. 1 vídeo (1min). Publicado pelo canal Paralympic Games.

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=gHCDvdCaJhI>. Acesso em: 23 mar. 2023.

WINNICK, J. P. **Educação Física e Esportes Adaptados**. 3. ed. Barueri: Manole, 2004.

WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO), The World Bank. **Relatório mundial sobre a deficiência**; tradução Lexicus Serviços Lingüísticos. – São Paulo : SEDPcD, 2012. 334 p.

Disponível em:

https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/44575/9788564047020_por.pdf. Acesso em: 12 dez. 2021.